



30/05_02/06/19
BRASÍLIA_DF



O LUGAR DA ARTE

BS B PLA NO
DAS ART ES







BSB PLANO DAS ARTES, 2ª EDIÇÃO

Ficha Catalográfica

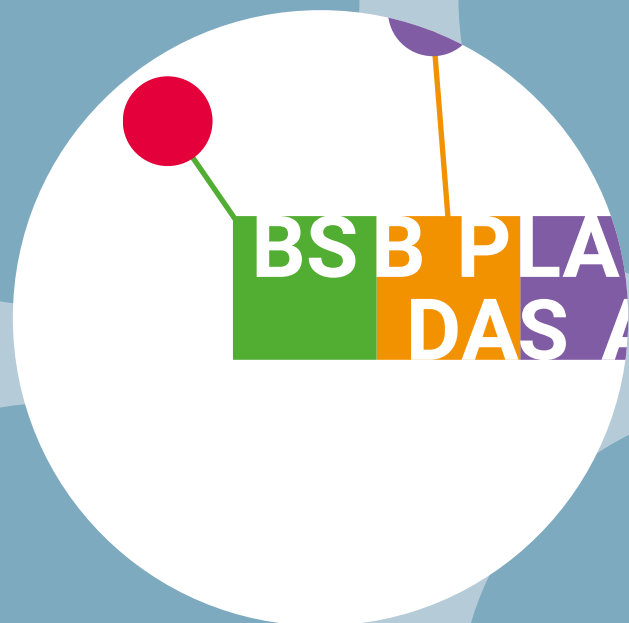
B238c Barbosa, Cinara.
 Catálogo BSB Plano das Artes / Cinara Barbosa / Volume 2
-- Brasília, DF : Athalaia, 2020.
 112 p.: il. ; color.

Essa publicação foi realizada com recursos do Fundo de
Apoio à Cultura do DF (FAC)
ISBN: 978-85-62539-57-2

1. Artes. 2. Brasília, DF - Catálogo de Artes. 3. Brasília, DF,
espaços de artes.
I. Título.

CDU 7(817.4)(058)

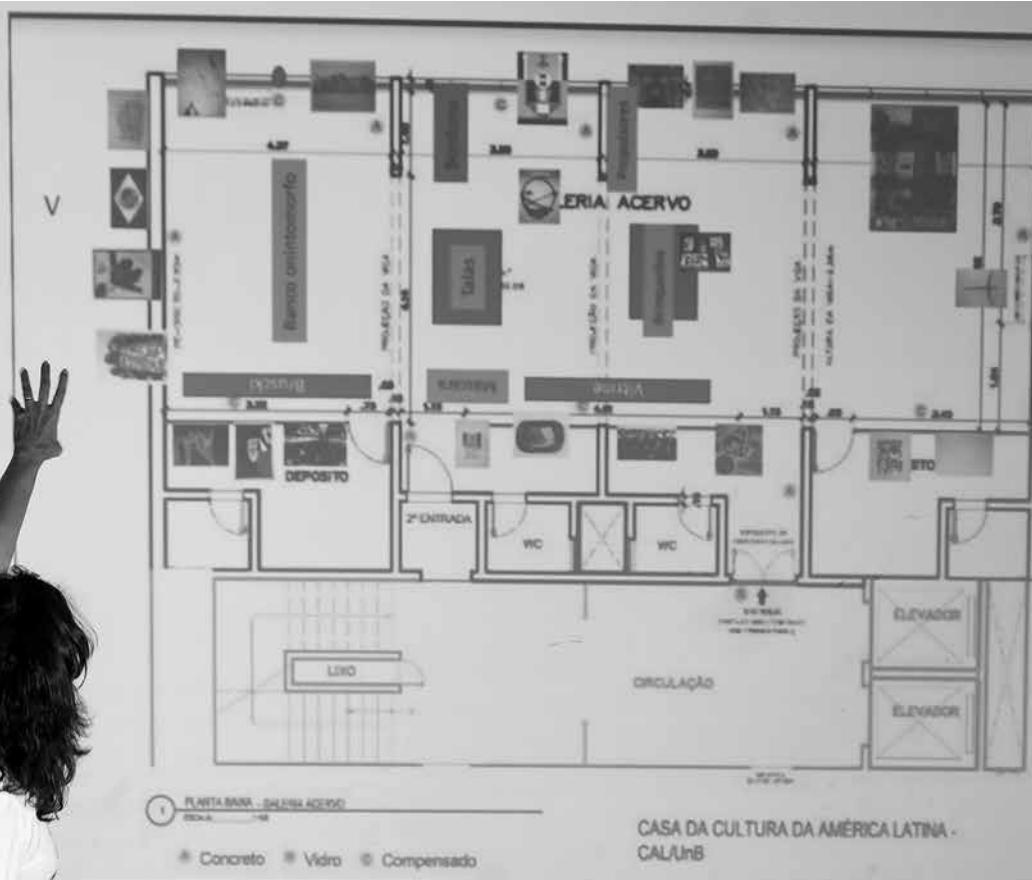
BSB PLANO DAS ARTES, 2ª EDIÇÃO



BRASÍLIA, DF, 2019

ATHALAIA EDITORA

expografia



SQN → BSB PLANO DAS ARTES O LUGAR DA ARTE

A segunda edição do BsB Plano das Artes confirma a vocação do projeto na promoção de circuitos e de espaços de arte voltados à apresentação, produção, conhecimento e formação das artes visuais no Distrito Federal. O projeto foi idealizado de maneira a colocar em discussão a visibilidade, profissionalização e sustentabilidade dos lugares autônomos da arte em constante transformação.

As mudanças no campo da cultura e da arte, aliás, parecem ser um tema que, na atualidade, extrapolam operações intrínsecas da produção artística. Isto é, a transformação constante não se trata daquilo que muda na arte pelos modos de fazer e agir dos artistas. Essas remodelações não dizem respeito a formas, linguagem, suportes, conceitos ou assuntos. Nem, decorrente, de reconfigurações historiográficas ou ressignificações críticas da arte devido ao acompanhamento dessas realizações e à aparição de novos trabalhos ou outros artistas.

Tampouco dizem respeito às dinâmicas do sistema das artes. Este, que se forma a partir da soma de instituições com diversos agentes na condição de realizar, apresentar e fazer circular produções artísticas. Essa estrutura sistêmica é constituída tanto por sujeitos artistas, quanto por críticos, curadores, artistas individuais, coletivos artísticos e diretores de instituições. E, também, por organizações, como galerias, museus, centros culturais, publicações, sites e páginas de redes sociais. A combinação desses elementos inter-relacionados acaba gerando também uma parcela de mercado cuja economia envolve

variados formatos de coleções, colecionadores e “produtos” como exposições, por exemplo. Mas, no seu melhor, acredito que esse sistema resulte em proporcionar e cuidar para que se alcance o público amplamente e possa, assim, tocá-lo.

Agora, nesse avançar de entrada para a segunda década do século 21, é preciso, além de tudo, considerar as transformações de políticas públicas e, também, econômicas promovidas pelo Estado que afligem o setor da Arte e da Cultura. Esse nosso campo.

O que se deve dizer? Como se pode dizer? O que se pode mostrar? Como se deve mostrar? Por que investir? Qual o retorno que dá? Não é tolice dizer que muito se discute novamente a arte e a cultura como campos estratégicos que podem mover a sociedade para mudanças de consciência e de valores das coisas da vida. Parece interessar porque, dito de uma maneira muito simplificada, é feita dessa ordem simbólica, um subjetivo profundo; porque sensível. Faz um barulho capaz de atingir afetos, provocar dores, gerar



conhecimento sobre a vida. Não é conformada pelos artistas a agradar deliberadamente aquilo de cada um. Mas, é feita com atenção a contextos sociais injustos, tristes, abandonados de políticas de zelo, proteção e melhorias. E, nos traz a oportunidade de olharmos para além de nós mesmos e dos pequenos cotidianos.

Entendendo-se dessa forma, pode-se perceber que, há muito tempo, ocorreu uma ampliação do conceito de arte e é quase certo que este não pare de se remodelar porque assim o é, sobre colocar as percepções a favor de tudo a nossa volta, e na relação de tocar o outro. A arte de nosso tempo convive e se expressa também por dinâmicas de coletividade e trata de problemas sociais, ambientais, de qualidade de vida de povos e histórias pessoais diversas como a do próprio artista.

A 2ª. edição do Plano das Artes foi realizada entre os dias 30 de maio e 2 de junho de 2019. Decorreu-se um tempo, portanto, entre sua realização e esta publicação. Um dos motivos foi exatamente considerar o conjunto de transformações em curso já durante o evento realizado e ao longo desta edição. Isso exigia pensar as decisões editoriais em relação a informações de espaços, que já anunciavam suas dificuldades em persistir abertos, e, a nós da equipe, as decisões de lidar com a aflição dos riscos que poderiam atingir a realização de outros PLANOS.

É com a certeza da relevância desse sistema das artes em construção que se apresentam os 28 espaços autônomos dedicados às artes visuais

existentes em 13 Regiões Administrativas do Distrito Federal que participaram da 2ª edição. São ateliês, galerias de arte e espaços híbridos com programação de exposições, oficinas, palestras e conversas com artistas. Assim como

na edição passada, o projeto de circuito e rotas pelos espaços é fortalecido por transportes gratuitos e formação de equipes locais com ênfase na atuação de mediadores. No entanto, na 2ª. edição de 2019, somaram-se o formato e conceito originais de maneira a ampliar a abrangência de espaços independentes e testar programas de promoção e assessoria de suas atividades culturais, com a implementação de algumas novidades.

A 2ª. edição foi marcada pelo tema O Lugar da Arte. Com isso, buscou-se a reflexão sobre o papel dos espaços autônomos. A ideia foi pensar as relações dos espaços com a produção artística da cidade e a construção de um pensamento crítico sobre o sistema das artes visuais contemporâneas. Pensar assim, como compreendemos o lugar que ocupamos.

A ideia de lugar traz implícita as relações de proximidade e o afeto do dia a dia desenvolvidos em uma parte do espaço. Como uma concepção advinda da geografia, lugar é um canto particular onde as pessoas constroem referências em relação a ele. Como tema gerador, esta edição coloca em questão qual o lugar que as artes visuais já têm e aquele que se deseja assumir nas relações com a comunidade. Dessa forma, foram desenvolvidas parcerias com os espaços Invenção Brasileira, em Taguatinga, e o Jovem de



Expressão, em Ceilândia, para abrigar ações do projeto. Os centros culturais adaptados, como espaços *Pop Up* Plano das Artes, podem ser pensados como lugares para ativação das artes visuais.

Tendo em mente que é preciso reafirmar e repetir ações de reivindicação para a visibilidade e o reconhecimento da arte como parte de um sistema simbólico fundamental da vida, organizou-se a ocupação realizada por artistas para o espaço *Pop Up*. A intenção foi vislumbrar as pertinências construídas, as interações conquistadas e o envolvimento requerido entre aquele que solicita adentrar em um lugar e aquele que permite que ele seja reconfigurado. Como colocado no texto de apresentação da exposição *O Lugar da Arte*, realizada no Invenção Brasileira: “Aqui nada é simples demais que não mereça sua atenção. Aqui nada é complexo demais que não lhe pertença. Atentar para arte, e o seu lugar, faz parte disto”.

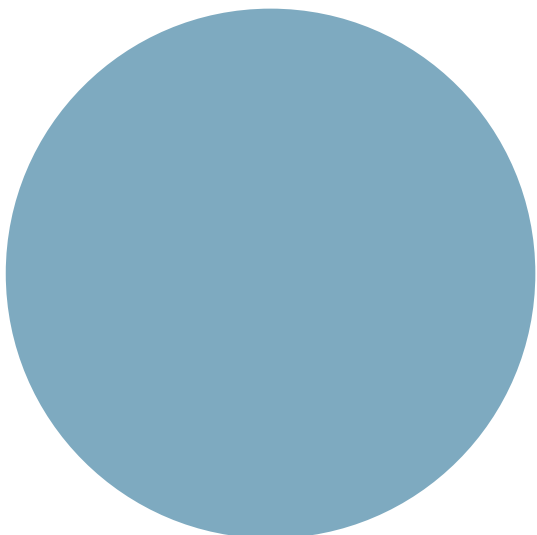
Além dos espaços previamente escolhidos pela curadoria mediante pesquisa prévia, dessa vez, foi aberta convocatória para inscrição como forma de mapeamento. O projeto Plano das Artes é sempre uma demonstração de uma parcela desse potencial sistema e não a apresentação de todos os possíveis espaços existentes. O intuito é muito mais apresentar a multiplicidade de formatos desses lugares da arte e, portanto, uma certa identidade circunstancial de um período, do que exatamente um mapeamento pretensamente absoluto e irrestrito. É importante a vivência no transcorrer

do evento e a ideia de explorar os circuitos criados, participar das rotas ou eleger seus interesses. Portanto, o levantamento não é o fim, mas o meio pelo qual se pode refletir acerca das especificidades de uma cena artística e, ao mesmo tempo, estimular a auto-percepção dos agentes locais e o seu papel na promoção da arte.

Espera-se que a arte tenha o seu lugar, tanto nos planejamentos políticos, quanto que seja requerida nas atividades que uma sociedade de forma mais ampla precisa para viver. É com esse desejo de demonstrar a sociabilidade da cidade em torno da arte que este catálogo foi pensado. **Cada parte apresenta um pouco de programas, acontecimentos, planos, parcerias e emoções. Deseja-se que as transformações que, de fato, a sociedade precise sejam na direção de superar as visões opacas sobre critérios de investimentos no campo da cultura e da arte.**

Cinara Barbosa

Idealizadora e curadora do BSB Plano das Artes





SQS →

BSB PLANO DAS ARTES APRESENTAÇÃO

“O Distrito Federal, como um todo, se tornou um polo produtor pujante no segmento das artes visuais com vários artistas, curadores, críticos e galerias se destacando no cenário local, nacional e internacional, o que precisa ser de fato conhecido e reconhecido pelo público da cidade”, afirma a curadora e idealizadora do evento, Cinara Barbosa.

Entre os dias 30 de maio e 2 de junho de 2019, aconteceu a 2ª edição do BSB Plano das Artes, evento voltado para apresentação da multiplicidade dos espaços autônomos dedicados às artes visuais no Distrito Federal. A iniciativa é voltada também à formação e à consolidação do sistema que envolve os agentes da arte, como a atuação de arte-educadores, foco das duas primeiras edições. Além disso, também enseja o fortalecimento de diversos profissionais entre produtores, críticos e curadores.

O BSB Plano das Artes – 2ª. edição foi realizado com o patrocínio do Fundo de Apoio à Cultura (FAC) da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal. Neste ano, o evento contou com a participação de 28 espaços autônomos dedicados às artes visuais em 13 Regiões Administrativas do Distrito Federal. Foram ateliês, galerias de arte e espaços híbridos, com programação especial de mostras, oficinas, palestras e conversas com artistas. Com entrada franca e classificação indicativa livre, o público contou com vans gratuitas, acompanhadas de arte-educadores e distribuídas em rotas que circularam por regiões como Águas Claras, Altiplano Leste, Brazlândia, Ceilândia, Guará, Jardim Botânico, Lago Sul, Lago Norte, Planaltina, Plano Piloto, Paranoá, Sobradinho e Taguatinga.

Novidades da 2ª Edição 2019

O BSB Plano das Artes trouxe algumas novidades para esta edição. Uma delas foi a proposta do tema, “O lugar da arte”, levantando o debate sobre o papel de galerias, ateliês, coletivos e outras associações que difundem informações sobre a produção artística do Distrito Federal.

Com o tema gerador, “O lugar da arte”, procurou-se estimular o debate sobre o papel dos espaços na cidade. O momento do BSB Plano das Artes proporcionou a reflexão sobre as atividades durante esta 2ª. edição e também os planejamentos de cada espaço e seus projetos futuros.

A curadoria do evento propôs o tema gerador e a coletiva de exposições tendo como princípio referências que dizem respeito, primeiro, à noção de lugar - esse contínuo e descontínuo, segundo Milton Santos - que possibilita o desenvolvimento de cada espaço no tempo e define sua estrutura inconfundível. A produção de arte precisa de um lugar de visibilidade, mas também um locus para produzir novos e incessantes arranjos.

Provocar teoricamente foi um mote para atingir as práticas sobre a presença da arte na cidade



e nas relações de convivência entre produção artística e comunidade. O momento de preparação do evento é sempre aquele de fazer os representantes de espaços independentes de arte pensarem sobre sua vocação, que tipos de programação e de ações vêm sendo executados, o que se pretende na organização da programação e na agenda das atividades artísticas e culturais, na perspectiva de manter o foco e ampliar o público. O tema O Lugar da Arte agrega uma pausa para reflexões sobre como construir uma formação ampla de novos visitantes dos espaços, as relações com a comunidade e formas de desenvolvimento do conhecimento sobre arte contemporânea. Essas iniciativas proporcionam reflexões sobre temas como os processos recentes de criminalização da arte e do artista, e criam oportunidades de se trabalhar o reconhecimento da arte e dos artistas que apresentam.

Outra novidade desta 2ª. edição foram os Centros Adaptados - Espaços *Pop Up* BSB Plano das Artes. Estes espaços foram planejados para se relacionarem ao propósito do tema como forma de ampliar, ou fortalecer o alcance dos “lugares” da arte. O Jovem de Expressão, em Ceilândia, e o Invenção Brasileira, em Taguatinga, foram os dois espaços adaptados pela organização do projeto visando incentivar a apresentação das artes visuais, estimular a criação de espaços, refletir sobre sua manutenção e gerar experiências expositivas para além do Plano Piloto. Abrigaram palestras, exposição coletiva, oficina de aquarela, fotografia para deficientes visuais e ações de pintura.

O projeto BSB Plano das Artes busca dar visibilidade aos locais que produzem arte, estimular as relações em rede e a consolidação de um circuito no Distrito Federal, trazendo discussões sobre ações de sustentabilidade e ampliação do acesso ao público. Nesse processo, são importantes a pesquisa e o mapeamento dos “lugares da arte” como estratégia. Na 1ª. edição, o circuito contou com 20 espaços convidados. Em 2019, além dos selecionados por pesquisa prévia e dos espaços *Pop up*, foi realizada convocatória pública para a seleção de outros espaços dedicados às artes visuais, alcançando um total de 28 locais participantes do evento.

“O BSB Plano das Artes surgiu como uma ferramenta para que público e espaços independentes possam se encontrar em um ambiente estimulante e de compartilhamento”, explica a curadora e idealizadora do evento, Cinara Barbosa.

Sete espaços foram selecionados por uma comissão formada por membros da organização do BSB Plano das Artes: Galeria Karla Osorio, Lago Sul; Nação Cerratense Atelier de Arte, Paranoá; Ateliê NOVA – Asa Sul; Ateliê Cecília Mori – Asa Norte; Casa Ateliê Júlia dos Santos Baptista, Águas Claras; Pé Vermelho - Espaço Contemporâneo, Planaltina (DF); e Studio Art MD’Azevedo, Vila Telebrasil. Desse conjunto, os ateliês NOVA e Cecília Mori já tinham participado da primeira edição do BSB Plano das Artes, em 2018, e se inscreveram para participarem novamente do circuito.



Foi aberta inscrição de espaços para ampliar participações e o mapeamento. As inscrições foram feitas por formulário e divulgadas ao público até maio de 2019. A seleção foi realizada pela equipe de organização do PLANO que, para este ano, priorizou “lugares” que realizam ou promovem exposições como carro chefe de sua programação ou são ateliês e lugares de experimentação artística

Os espaços selecionados pela convocatória se somaram aos 18 espaços convidados: Ateliê Raquel Nava – Asa Norte; Ateliê Valéria Pena-Costa + Projeto FUGA – Lago Sul; deCurators – Asa Norte; Espaço f/508 de Fotografia – Asa Norte; Galeria Olho de Águia – Taguatinga; ManoObra – Sobradinho; Oto Reifschneider Galeria de Arte – Asa Norte; Pilastra – Guarã II; Referência Galeria de Arte – Asa Norte; XXX Arte Contemporânea – Jardim Botânico; Galeria MixMídia – Asa Norte; Matéria Plástica Galeria de Arte – Altiplano Leste; oBarco Estúdio – Asa Norte; Plano Imaginário – Lago Norte; Casa Ateliê Ralph Gehre – Asa Sul; Elefante Centro Cultural – Asa Norte; Ateliê Taigo Meireles – Brazlândia; e Ateliê Camila Soato – Sobradinho.

BsB Plano das Artes e as relações institucionais no desenvolvimento do sistema das artes local

Um dos princípios do BSB Plano das Artes é o de evidenciar os espaços autônomos de arte do Distrito Federal. Em 2019, no entanto, excepcionalmente, firmamos parceria com o Espaço Cultural Marcantonio Vilaça do Tribunal de Contas da União (TCU), que também participou do circuito. Essa ação possibilitou a reflexão sobre os papéis dos lugares da arte nas relações com os agentes do sistema artístico e com a sociedade. Como contrapartida, foram feitas propostas de consolidação dessa parceria, como edital de ocupação, exposição coletiva e debates sobre “Arte, Mercado e Gestão”, reunindo diversas experiências e ações educativas. Essas propostas ainda seguem na lista dos desejos e das coisas a se realizar, que dependem de ponderações dos esforços de equipe e suportes logísticos.

“Creio que essa é uma das missões do Plano das Artes, ou seja, a sensibilidade para as demandas do nosso sistema artístico. Nesse caso é o de somarmos forças e trabalharmos com boas ideias”
Cinara Barbosa





BsB Plano das Artes e o apoio para o desenvolvimento da curadoria local

Como forma de desenvolver o sistema das artes, o projeto propôs a parceria entre os curadores Sormani Vasconcelos e Ana Paula Barbosa e a Galeria MixMídia. O propósito foi a consultoria curatorial e artística para desenvolvimento da exposição, da programação e do conceito do espaço. “O exercício curatorial nesse processo em específico ajuda nosso desenvolvimento profissional e dá visibilidade para nos engajarmos em novos projetos” afirma Sormani. Nesta 2ª. edição, o BSB Plano das Artes contou com a colaboração de Bruno Scartezini. Nas semanas que antecederam o evento, foi publicada, no site e nas redes sociais do BSB Plano das Artes, uma série de reportagens produzida pelo jornalista, antecipando personagens e atrações da 2ª. edição. Nos dias 30 e 31 de maio e 1 e 2 de junho, Scartezini subiu nas vans do projeto para postar nas redes – em movimento – flashes dos 4 dias de atividades. A primeira reportagem da série publicada foi a conversa com o artista Ralph Gehre em sua casa ateliê. Na sequência, houve mais coberturas do evento.

Rotas BsB Plano das Artes + Ponto de Encontro

Na 1ª edição do Plano das Artes, que aconteceu de 2 a 4 de março de 2018, foram criadas seis rotas com vans gratuitas para visitar os 20 espaços que participaram do evento. Em 2019, o roteiro de visitas foi produzido em função das proximidades de localização e multiplicidade dos tipos dos espaços. A organização do circuito recebeu inscrições e disponibilizou transportes para turmas diversas de estudantes. Na edição anterior, o BSB Plano das Artes propôs parcerias com o comércio local próximo aos espaços; na edição 2019 foi organizado um ponto de encontro em área livre, que funcionou nas quadras 205/206 da Asa Norte. O “Ponto de Encontro” foi idealizado para divulgação das parcerias comerciais e serviu de apoio para partidas de viagens para os circuitos, com área de serviços. A experiência mostrou para a organização do evento a importância de dar ênfase à divulgação, já que ela é estratégica na defesa do circuito das artes no Distrito Federal, além de melhorar a visibilidade dos espaços.





No dia 24 de abril de 2019, foi feito o lançamento da 2ª edição do BSB Plano das Artes em apresentação realizada no auditório do Museu Nacional. Foi um momento de comunicar a prévia dos espaços participantes, comentar sobre a idealização do projeto *Pop Up*, instigar as parcerias e dar voz à equipe de organização e aos representantes dos espaços. Também foi o momento de apresentar o tema da edição, explicar a intenção do “Ponto de Encontro” das vans, dar um panorama das rotas, comunicar o processo seletivo dos educadores e apresentar as novas propostas.

Em 2019, uma das novidades do educativo foi a presença constante de mediadores nas 15 vans de transportes. O público contou com uma viagem relacionada à experiência do percurso, em torno da expectativa em conhecer e descobrir arte e seus lugares na cidade. As expectativas acerca do que seria vivenciado foram um sentimento compartilhado por educadores e público, na construção de uma experiência conjunta e marcante.

Como parte dos objetivos de profissionalizar as pessoas envolvidas no sistema da arte no Distrito Federal, o evento teve como propósito fomentar uma rede de arte-educadores. Ao longo do processo e também após o evento, foram realizados encontros com grupos e representantes institucionais, nos quais foram discutidas preocupações sobre o campo. Nesse sentido, o projeto BSB Plano das Artes contribui ao sinalizar uma série de questões para uma visão ampliada do setor educativo. Tópicos como oportunidades de trabalho, solidificação da área,

importância da comunicação e atuação coletiva com as diversas equipes de um projeto são pontos a serem considerados em um espectro comum da área. Espera-se uma abertura de visão e maior atenção para a variação de modos de mediar em um educativo itinerante, e, também, no que diz respeito às relações com espaços autônomos de arte contemporânea, portanto, não governamentais, para que sejam percebidos em sua especificidade e ainda com muito a fazer. “É uma forma de as pessoas conhecerem os trabalhos desses profissionais e entenderem sua importância dentro da vasta cadeia produtiva das artes visuais”, diz Cinara Barbosa, idealizadora e curadora do evento. “Esta é uma ação voltada à profissionalização dos arte-educadores, responsáveis pela multiplicação de informações sobre artes visuais”, afirma.



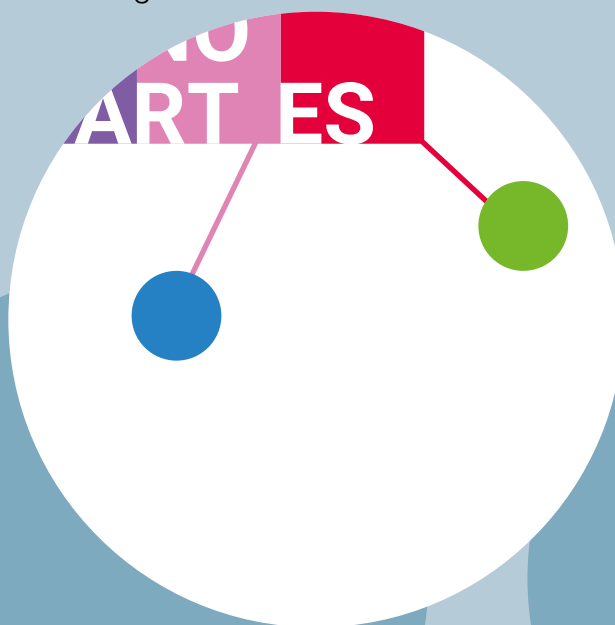


→
PÁG.17

SHIGS → BSB PLANO DAS ARTES, 2ª EDIÇÃO

Existe um espaço de arte perto de você, sabia?

Foram muitas maneiras de visitar os 28 espaços participantes desta 2ª. edição, na rota das vans, de carro, de bike ou a pé. Sozinho ou em grupos de amigos. Foi um momento para conhecer galerias, centros culturais, ateliês de artistas e espaços híbridos em todas as partes do Distrito Federal. Conhecer melhor seu bairro, sua cidade, o espaço urbano e o rural e, assim, viver o lugar da arte.





A Pilastra Foi criada em 2017 como espaço voltado a buscar novas linguagens e impulsionar artistas-agentes transformadores de arte, periféricos e marginais, fora do circuito de artes visuais tradicional. Ela vem promovendo a inserção de artistas na cena cultural do Distrito Federal com foco em relacionar a produção de arte contemporânea e as vivências na sociedade, questionando balizas, afinadas com questionamentos políticos e propostas de cunho experimental.

- **Nesta edição:** a galeria apresentou a exposição coletiva “Inferninho da Katya Flavya”, com Aline Luppi Grossi, Alla Söub, Ana Giselle, Bia Leite, Bianca Kalutor, Castiel Vitorino, Culto das Malditas, Dardania, Davi de Jesus, Henrique Ferreira e Felipe Takata, Jorge Maravilha, Kali, Lara Ferreira, Lídice, Lyz Parayzo, Malena Stefano, Pamella Anderson, Rafaela Lassance, Raíssa Dias Pimentel, Xibi Rodrigues, Rômulo Barros, Vincente de Paula e Walla. Também foi realizada a ocupação sonora do Coletivo SUJO e a apresentação da DJ CXXJU.

QE 40, Conjunto D, Lote 38, Ap. 101
Guará II – (61) 98318-1879
www.facebook.com/apilastra
Funcionou de 30/05 a 02/06, das 15h às 21h.

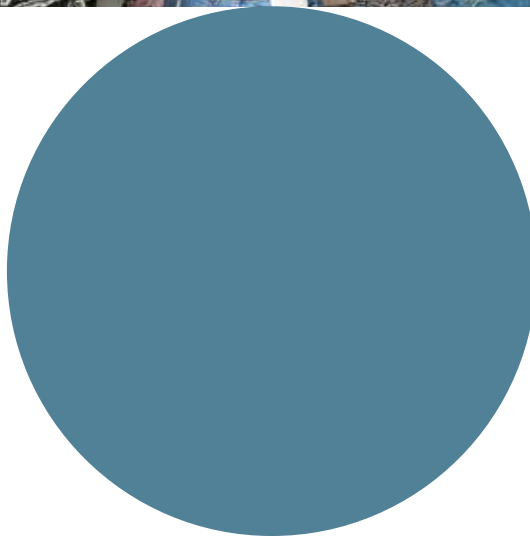






Ateliê Camila Soato Depois de uma temporada em São Paulo, a artista brasileira Camila Soato voltou à cidade para desenvolver sua produção artística. No ateliê, encontram-se tanto suas pinturas, que investigam a conexão entre arte e vida, por meio da apropriação de imagens encontradas na Internet e relacionadas a um cotidiano banal, quanto a nova produção escultórica. Em algumas séries, Soato faz releituras de quadros célebres, discutindo questões de gênero e abordando aspectos sociais, em contraponto a temas predominantes da história da arte. A artista brasileira usa a pintura de forma a diluir a imagem mítica que a técnica carrega em seu histórico. Esse espaço privado foi aberto especialmente para o público, que conheceu o modo de fazer característico da artista. Ela considera a irreverência como questão imbricada aos modos de viver do “jeito que dá certo”.

Quadra 2, Conjunto A1 – Sobradinho I
www.facebook.com/soato.soato
Funcionou: de 30/5: 15h às 19h
31/5: 10h às 18h
1º/6: 10h às 14h
2º/6: 10h às 18h



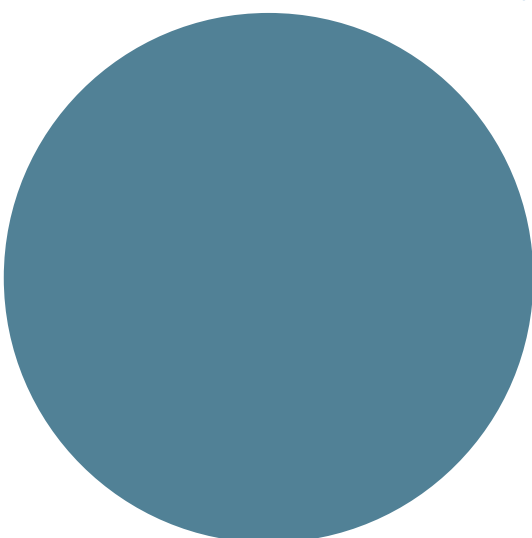


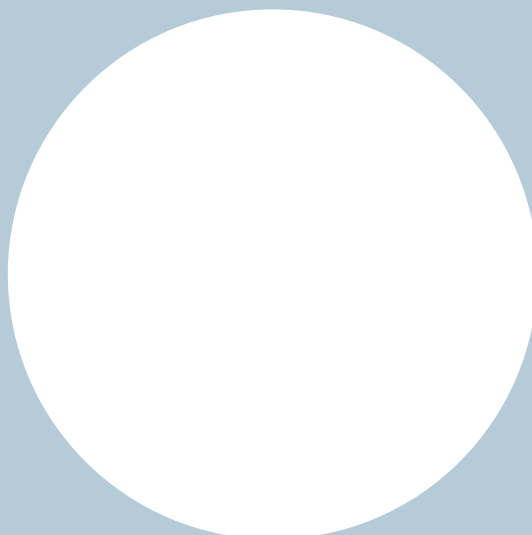


Ateliê Cecilia Mori A experiência de ateliê vem se desenvolvendo com a artista Cecilia Mori desde 2000. Ela já ocupou diferentes locais por Brasília e compartilhou o espaço com outros importantes artistas da cidade como Gustavo Magalhães, Matias Monteiro e Christus Nóbrega. No espaço Babilônia Norte, o ateliê é como um laboratório de investigações poéticas, no qual a artista acompanha o andamento tanto de suas pesquisas práticas em arte quanto teóricas sobre arte e sobre história da arte contemporânea. Assim, ela explora diferentes linguagens artísticas, como o desenho, a pintura, a instalação, o vídeo, a fotografia e a escultura.

- **Nesta edição:** em função das diferentes linguagens utilizadas, a artista mostrou as remodelações do ateliê que auxiliam nos processos de construção de suas obras. Ela disponibiliza cantos para as construções-testes de suas instalações, utiliza iluminação natural para as feituas dos desenhos e das pinturas e dispõe de espaço para consulta e pesquisa de referências artísticas e teóricas sobre arte contemporânea.

SCLN 206, Bloco D, Sobreloja 23 - Asa Norte
(61) 3034-5694
www.ceciliamori.com
Funcionou todos os dias em horários diversos.



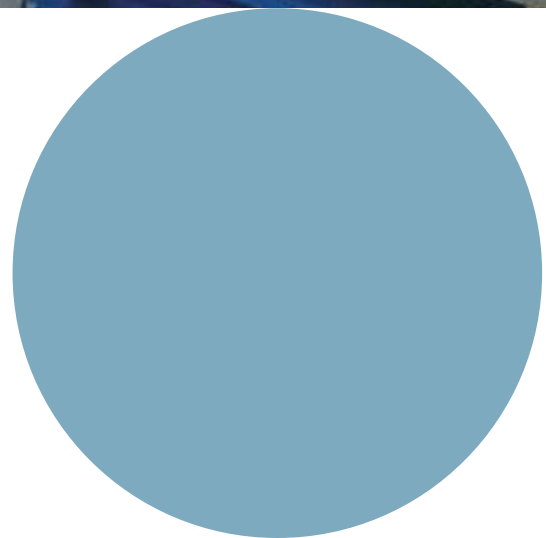




Ateliê NOVA Fundado em 2015, é um espaço voltado para as artes visuais e para o design gráfico. Formado por Eudaldo Sobrinho, Felipe Cavalcante, Gabriel Menezes, João Teófilo, Lucas Gehre e Marcelo Araújo, a vocação do lugar é proporcionar um ambiente de colaboração entre os artistas. O espaço abriga produções individuais e coletivas e visa proporcionar colaboração entre os artistas que o integram, além de promover oficinas e eventos de lançamento de trabalhos e publicações.

- **Nesta edição:** o espaço apresentou projetos realizados pelo coletivo. Foram mostradas séries de gravuras impressas nas oficinas de serigrafia do espaço, como os posters Selva I e II, e as gravuras NOVA; material sobre a Feira DENTE de publicações; e apresentação do trabalho das oficinas de serigrafia.

SHIGS 709, Bloco N, Casa 55 – Asa Sul
(61) 3256-4000
www.facebook.com/atelienova
Funcionou de 31/5 a 2/6, de 14h às 18h.







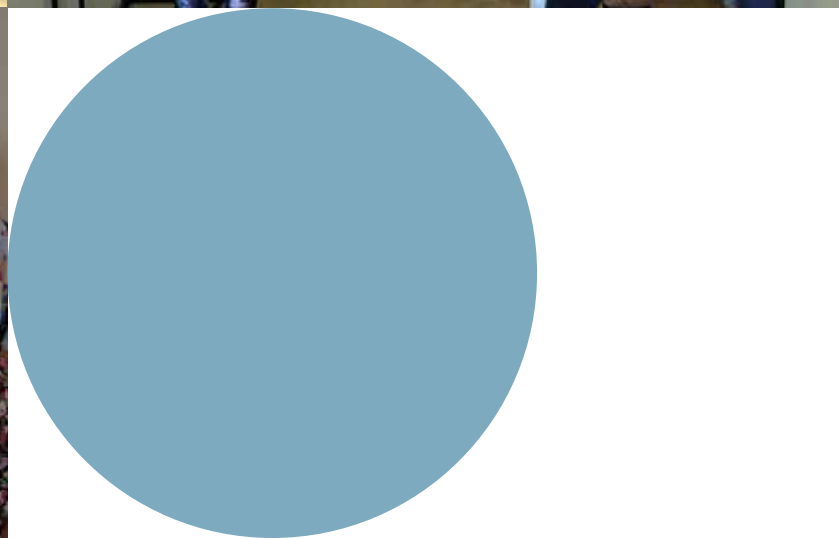
Ateliê Raquel Nava É um espaço de produção artística, aberto em 2011, que vem sendo compartilhado desde sua abertura com outras artistas da cidade. Em seu processo criativo, Raquel contrapõe taxidermia e restos biológicos de animais justapostos a materiais industrializados. A variação cromática com a qual trabalha nos objetos e nas fotografias se aproxima da paleta utilizada na sua produção de pintura.

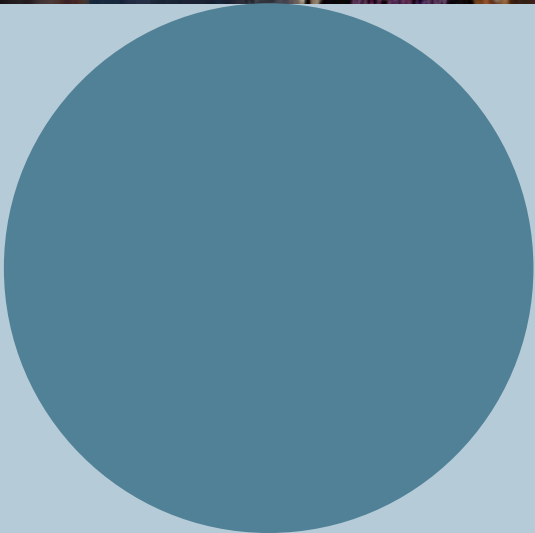
- **Nesta edição:** apresentou sua produção individual, sua pesquisa e suas experimentações, que se desenvolvem por esculturas, pinturas, desenhos, instalações e fotografias. A diversidade de sua produção está nos experimentos com técnicas e materiais, nos quais investiga o ciclo da matéria orgânica e inorgânica.

SCLN 205, Bloco D, Loja 11 - Asa Norte

www.raquelnava.net

Funcionou: 30 e 31/5, das 10h às 12h e das 14h às 16h – 1º e 2/6, das 15h às 18h.

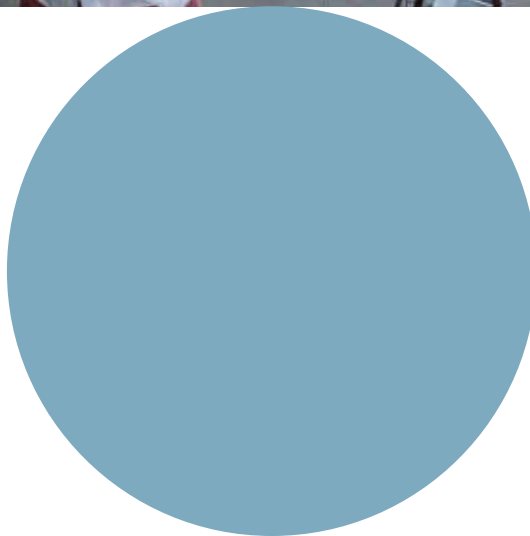






Ateliê Taigo Meireles Está localizado na região rural de Brazlândia, próximo à FLONA, reserva da floresta nacional, com vista livre para o Cerrado, com luz, amplitude, silêncio e natureza. Segundo o artista, esses são elementos que propiciam a concepção e a criação com foco no campo da pintura e do desenho. Durante o circuito, os visitantes puderam apreciar a paisagem que circunda o ateliê, conhecer os trabalhos do artista, com interesse em figuração e produção de telas de grande formato e, também, apreciar a coleção particular de móveis de design moderno do artista. O espaço está sendo organizado para, além do ateliê, receber mostras de arte e cursos. No BSB Plano das Artes, foi preparada exposição de obras, conversa com o artista e atendimento especializado para o público.

Incra 7, Gleba 3/366 – Brazlândia
www.facebook.com/taigo.meireles
Funcionou: de 30/5 a 2/6, das 9h às 12h30 e das 14h às 17h30.





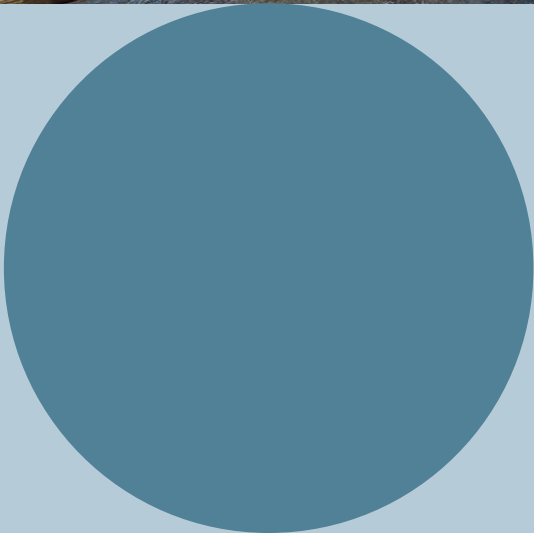


Ateliê Valéria Pena-Costa + Projeto FUGA Vem se firmando como um local voltado para a ocupação onde artistas são convidados a intervir com trabalhos incorporados a casa. Trata-se de propostas permeáveis pela ação do tempo, configurando uma nova paisagem a cada visita por meio de mostras de vídeo, performances, experimentações sonoras, oficinas, conversas e outros eventos momentâneos.

- **Nesta edição:** sua programação foi voltada para o projeto feira do FUGA (minifeira de artes), iniciativa que visa incentivar o colecionismo.

SHIS QI 26, Conjunto 5, Casa 1 – Lago Sul
www.facebook.com/valeriapenacosta
@feiradofuga
Funcionou diariamente das 14h30 às 19h.







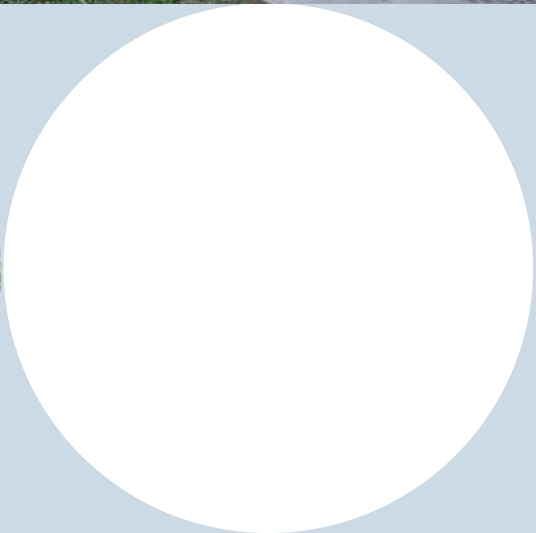
Casa Ateliê Ralph Gehre É residência e local de trabalho desse artista referencial para as artes e artistas de Brasília. A casa do artista, que se dedica à pintura há quatro décadas, vem sendo um ponto de encontro, troca e conversas sobre arte, crítica e orientação de variados artistas. Ralph concordou em abrir sua casa-ateliê para que alguns visitantes pudessem, de maneira especial, vivenciar como se dão seus processos criativos e discutir tais experiências. Dadas as condições especiais do espaço como residência, as visitas foram organizadas pelo sistema de agendamento. Por isto não disponibilizamos o endereço.

Segundo Ralph Gehre, a casa-ateliê é “onde mantenho minha obstinada decisão de ler, desenhar, escrever e pintar todos os dias. É difícil, mas é possível.”

Ao longo do evento, o artista se dedicou ao programa de encontros e conversas sobre seu processo de trabalho e questões em torno da arte, assim como sobre a exposição individual “Jogo de Simples”, apresentada no BSB Plano das Artes na Referência Galeria de Arte, que também fez parte do circuito e que o representa.

Asa Sul
www.facebook.com/ralphtadeugehre
@ralphtadeugehre
Funcionou por agendamento.



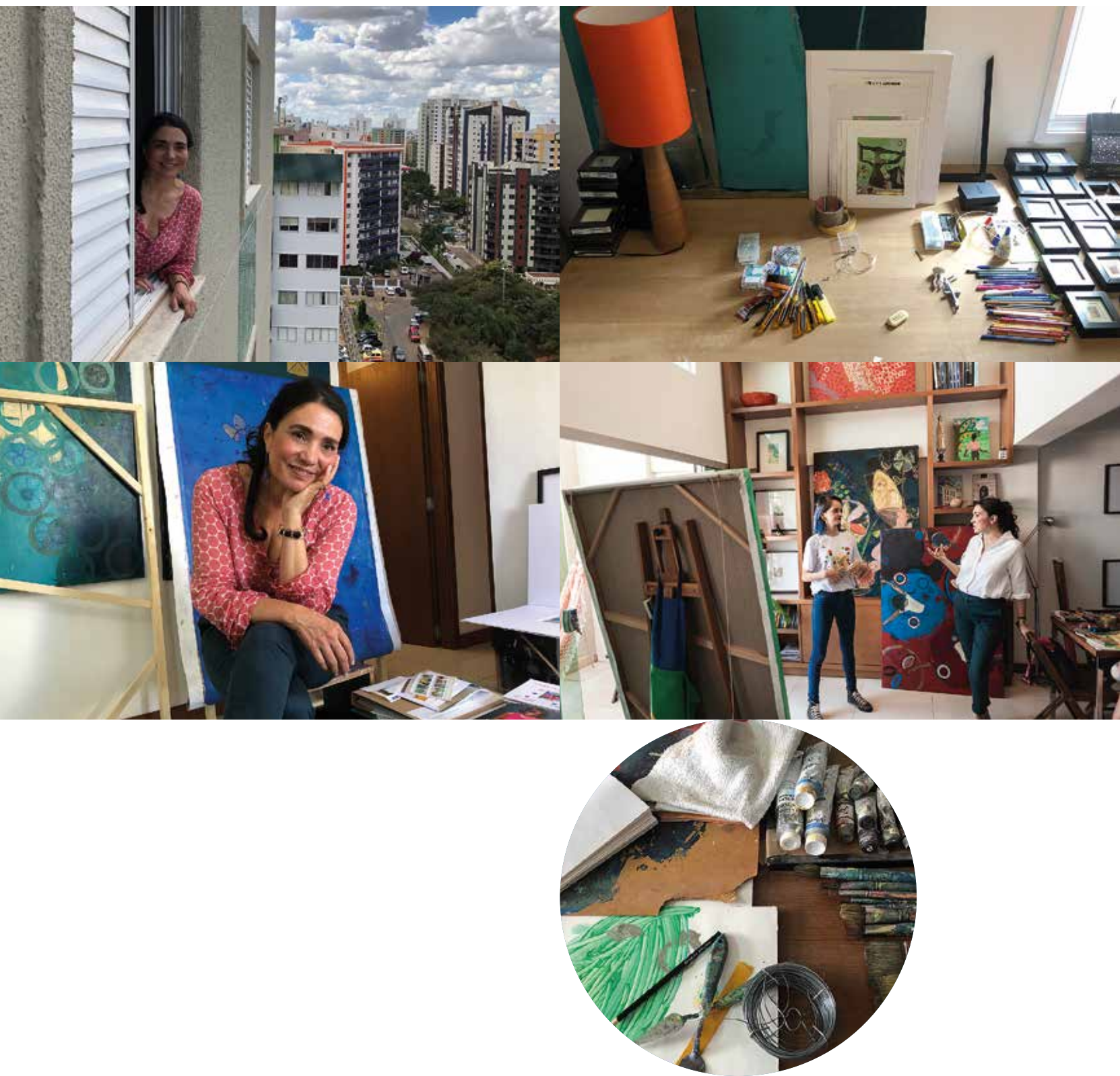


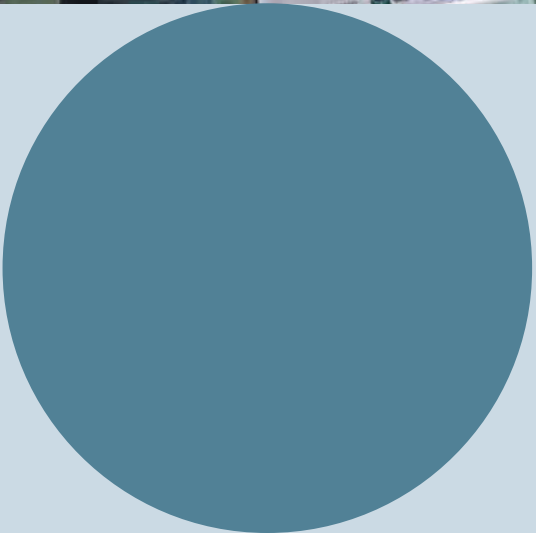


Casa Ateliê Júlia dos Santos Baptista Apresentou pinturas da artista que tratam de impressões de seu cotidiano. Tradições populares, danças e festivais folclóricos, música, natureza morta e folhagens tropicais são alguns dos temas que remetem às memórias da sua terra natal. Além da descendência indígena e italiana, a artista cultiva relações afetivas com o Japão e, atualmente, se divide entre Brasília e Amsterdã.

A artista recebeu o público no apartamento que abriga seu ateliê e explicou seu processo de criativos e os motivos da inclusão de vários elementos multiculturais, assim como apresentou técnicas, cores e suportes em suas pinturas.

Quadra 205, Lote 3, Praça Jandaia, apt. 1402
Águas Claras – (61) 99133-8141/99235-8187
www.facebook.com/julia.dossantosbaptista



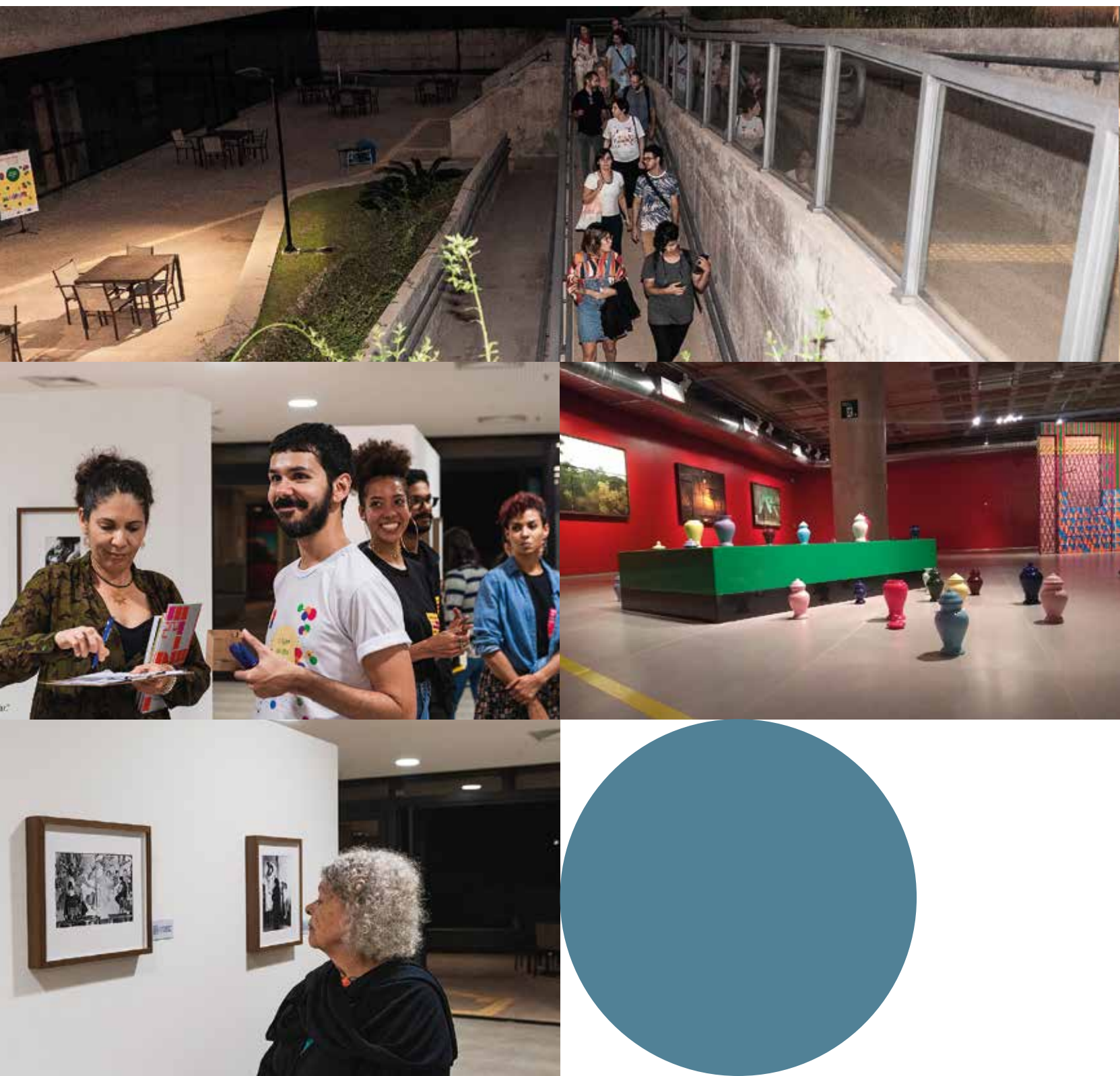




Espaço Cultural Marcantonio Vilaça do Tribunal de Contas da União (TCU)

Inaugurado em 2003, o espaço dedicado à arte contemporânea faz parte do Centro Cultural TCU, em conjunto com o Museu do TCU Ministro Guido Mondin. Tem como missão, preservar e ampliar os estudos da visualidade e difundi-los por meio de seu programa educativo. Participou do circuito da 2ª. edição do BSB Plano das Artes como parte da reflexão sobre os lugares da arte e as relações com os agentes do sistema artístico e a sociedade. Como parte da proposta de parceria, foram discutidas ações como edital de ocupação, exposição coletiva e debates sobre “Arte, Mercado e Gestão”, reunindo diversas experiências e ações educativas.

SCES, Trecho 3, Instituto Serzedello Corrêa, 1º Subsolo
(61) 3527-5381/5221
centroculturaltcu@tcu.gov.br



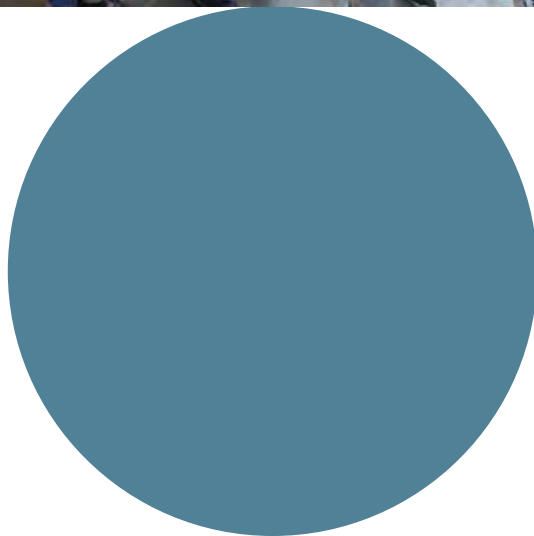


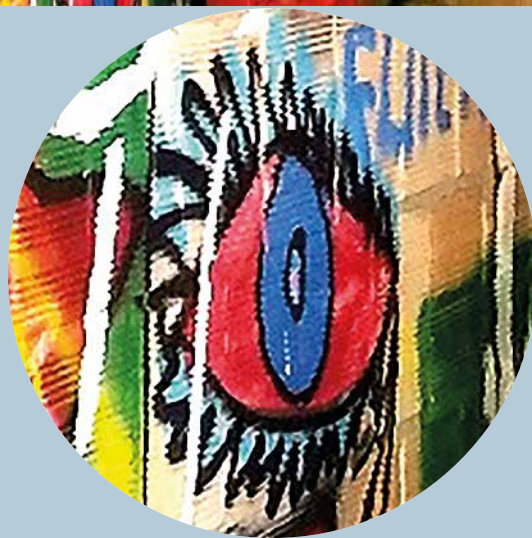


deCurators É um espaço híbrido de experimentação para artistas e curadores trabalharem as mais diversas linguagens e suportes.

- **Nesta edição:** o espaço incluiu em sua uma programação exposição e encontros com artistas. Apresentou a exposição “880 tijolos fazem uma parede”, projeto de intervenção urbana de Carla Barreto e Igor Lacroix, criado especialmente para a abertura do ciclo A Cidade que Invent(amo)s 2019. Trata-se de uma série de ações culturais realizadas desde 2016, no período de aniversário de Brasília, com o intuito de discutir a relação entre o espaço urbano e a arte.

SCLN 412, Bloco C, Loja 12 – Asa Norte
Funcionou diariamente 24 horas
www.facebook.com/decurators





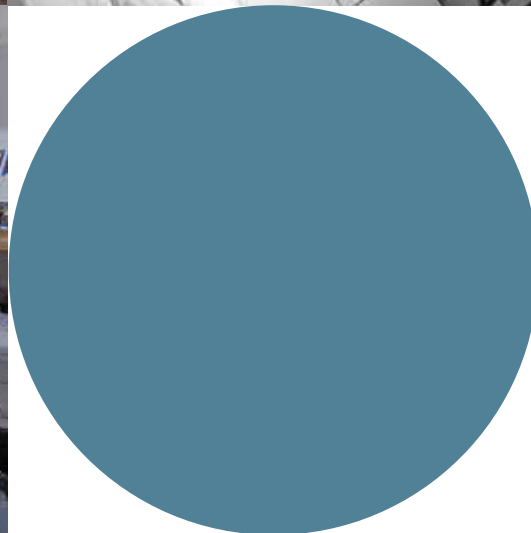
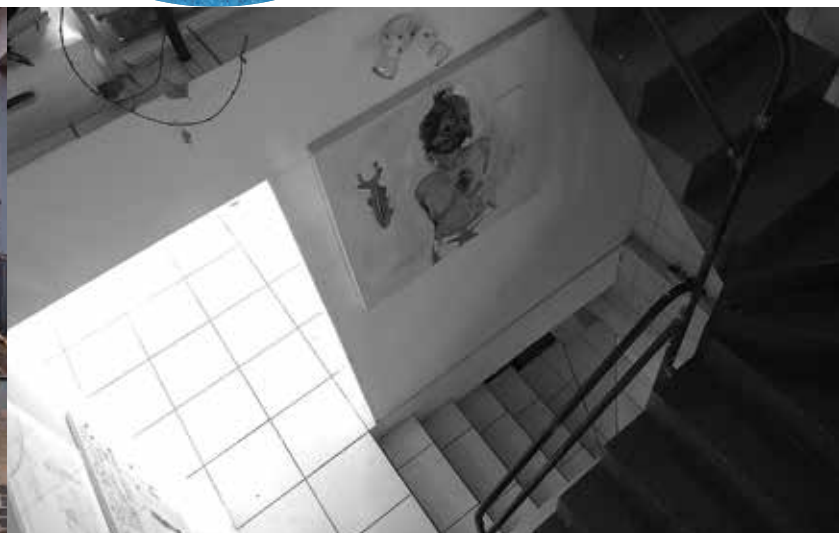


Elefante Centro Cultural Configurou-se com um espaço autônomo de arte voltado para estimular projetos experimentais de artistas e pesquisadores para que a produção esteja sempre em movimento. Fundado por Flavia Gimenes e Matias Mesquita (2013), teve em sua direção artística o curador uruguaio Manuel Neves e a professora curadora Cinara Barbosa. Durante esse tempo, ocorreram atividades relacionadas a projetos de residências artísticas, práticas de ateliês, exposições e oferta de cursos livres e de pensamento crítico. A mostra [Re]Invenções, aberta em novembro de 2018, inaugurou uma nova estrutura, apresentando a produção recente de artistas que fizeram parte da composição do ateliê compartilhado. Essa etapa visou confirmar o caráter experimental e o compromisso com o desenvolvimento da arte no Distrito Federal e a projeção nacional de artistas locais.

- **Nesta edição:** o Elefante apresentou trabalhos dos(as) artistas do ateliê: Adriana Vignoli, Alina Duchrow, Debora Mazloum, Gisel Carriconde Azevedo, João Trevisan, Matias Mesquita e Silvie Eidam. Os (as) artistas programaram falas sobre seus processos criativos e métodos de trabalho.

SCLRN 706, Bloco C, Loja 45 – Asa Norte
(61) 3541-3146

Funcionou: 30/5: 14h às 18h
31/5 e 1º/06: 10h às 18h
2/6: 14h às 18h



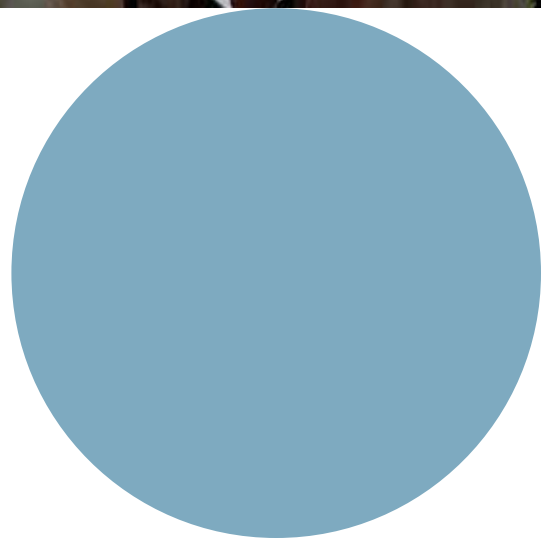


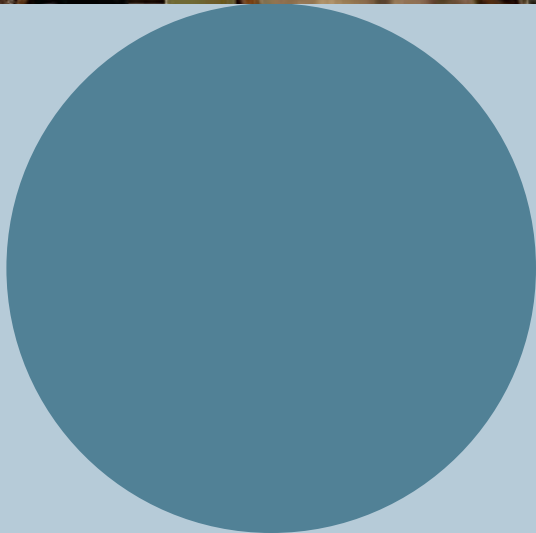


Espaço f/508 de Cultura É voltado para fotografia, literatura e cinema. Um lugar de reflexão e prática artística, onde são realizados cursos, palestras, bate-papos, exposições e outros eventos voltados ao pensamento da arte contemporânea e à difusão da produção visual brasileira. Localizado na 413 norte, com vista para o Parque Olhos D'água, reúne salas de aula, estúdio, galeria, laboratório químico PB, loja conceitual e um espaço de convivência, o café Quintal f/508.

- **Nesta edição:** o Espaço f/508 apresentou exposição de acervo e a mostra Vulcânicas, de Humberto Lemos. Também aconteceram atividades gratuitas, bate-papos temáticos e apresentações musicais.

SCLN 413, Bloco D, Sala 113 - Asa Norte
www.f508.com.br
Funcionou: 30 e 31/5: 14h às 21h
1º e 2/6: 10h às 13h

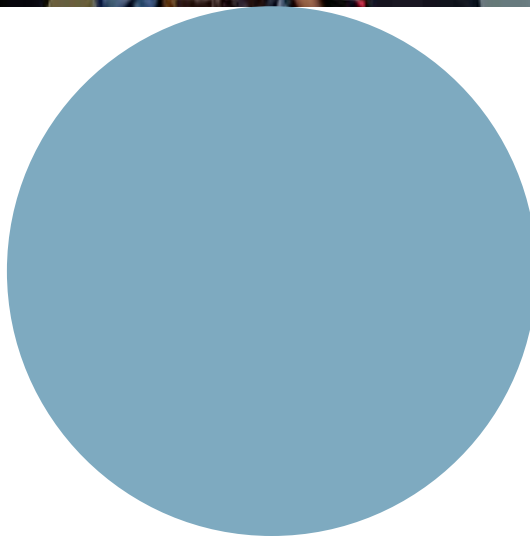






Galeria Karla Osorio Tem como propósito a inserção de artistas contemporâneos no mercado e na cena institucional. Criada em 2014, possui programa de exposições temporárias que fomenta várias linguagens e técnicas. Além de desenvolver projetos com curadores visitantes, também oferece residência artística com ateliê. No evento foi apresentada a exposição “Longe de tudo”, da artista Lucia Tallova, que realizou residência artística e executou produção de obras espaço; e também o projeto grafite “Muro”, com 4 painéis de 6 artistas, entre eles ODRUS, Pedro Galeno, Marina 06 Link, Luiza Parro, Helena Sifuentes e Rulio Brito.

SMDB, Conjunto 31 – Lago Sul
<http://karlaosorio.com>
Funcionou: 30 e 31/5: 9h às 18h30
1º/6: 9h às 13h

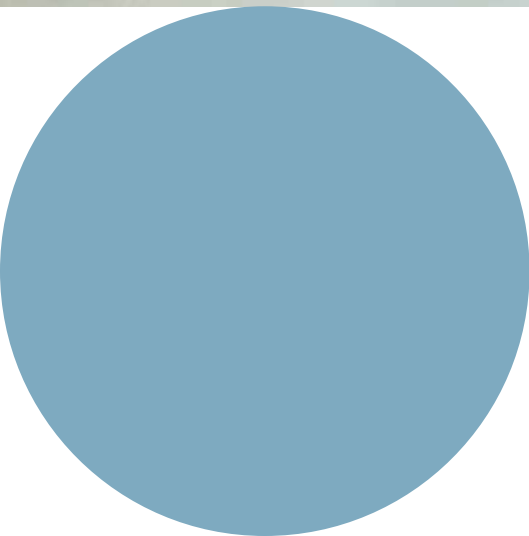


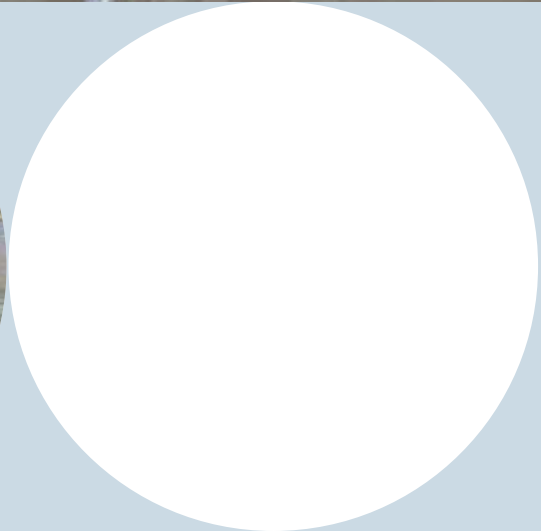




Galeria MixMídia Inaugurada em março de 2019, é exemplo de um novo espaço de arte dedicado a diversas expressões artísticas. Está associada ao escritório de arquitetura Arquibrasil e ao laboratório artístico LAB.Locus, dedicado à realização de oficinas, cursos, palestras e rodas de conversa. Para o desenvolvimento de projetos, os três funcionam, muitas vezes, conjuntamente. Fundada pelo arquiteto, urbanista e fotógrafo Márcio Vianna, e pelo arquiteto e artista mexicano Jhavier Loeza Biophillick, o perfil da galeria está em desenvolvimento e, nesse processo, há a intenção de fortalecer a carreira de novos artistas. A exposição (dis)tenções no espaço, com curadoria de Sormani Vasconcelos e Ana Paula Barbosa, apresentou trabalhos dos artistas Guilherme Moreira, Gisel Carricone Azevedo e Raylton Parga. A MixMídia realizou diversas atividades ao longo dos 4 dias do BSB Plano das Artes, como conversas com os artistas da exposição em cartaz, oficina de fotografia, concerto noturno de MediaLab/UnB/Gama e feira de arte no domingo, dia 2 de junho, último dia do evento.

SCLN 111, Bloco A, Loja 61 – Asa Norte
Funcionou: 30 e 31/5: 11h às 21h
1º e 2º/6: 10h às 22h



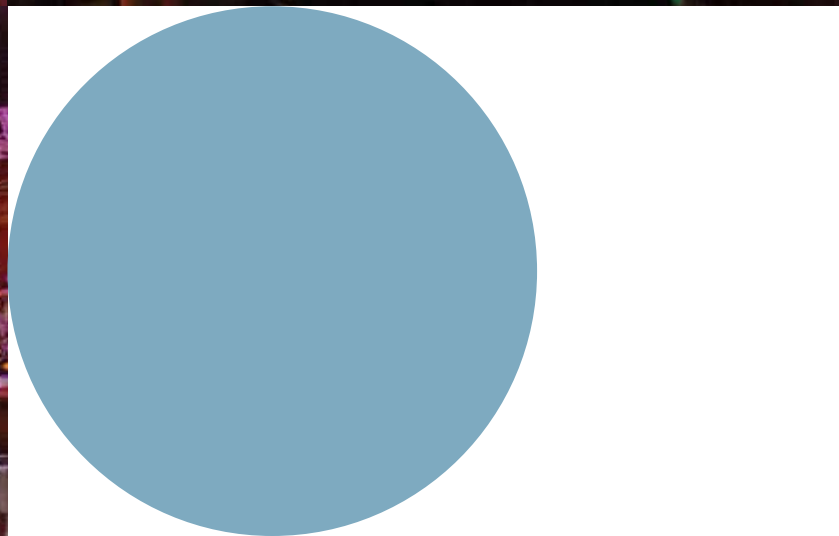


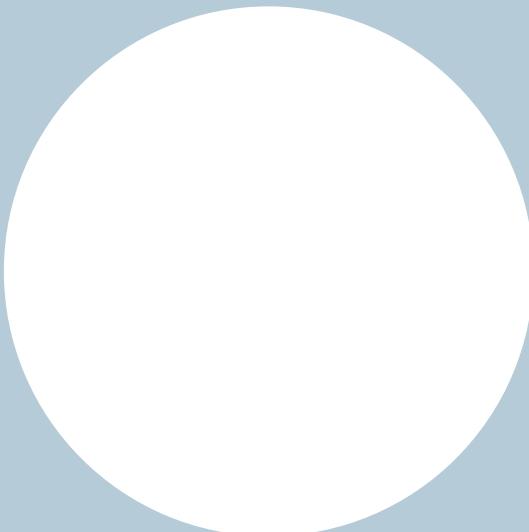


Galeria Olho de Águia Destaca-se na fotografia, no cinema e em novas mídias. O espaço apresenta a seus frequentadores um panorama do cenário artístico de Taguatinga e do Distrito Federal, e também oportuniza visibilidade, voz e protagonismo aos artistas de região, para que possam expor seus trabalhos e suas produções. Coordenada por Ivaldo Cavalcante e Morissom Cavalcante, atualmente a galeria desenvolve projetos independentes, como a Biblioteca Gervásio Baptista, o cineclube Praça do Relógio, Voz e Violão para músicos autorais e o projeto Artista do Bairro.

- **Nesta edição:** apresentou a exposição Nudes, de Lanna Silveira e Pedro Costa, realizada pelo projeto Artista do Bairro. Por meio de fotografias e instalações, a mostra evidenciou padrões de vestuário e feminilidade impostos pela sociedade às mulheres.

Ed. Praiamar, Bloco D, Loja 12 – Praça da CNF 1
Taguatinga Norte - (61) 99996-2575/999943-4762
Funcionou de 30/5 a 2/6: das 17h às 22h.
www.facebook.com/GaleriaOlhodeAguia



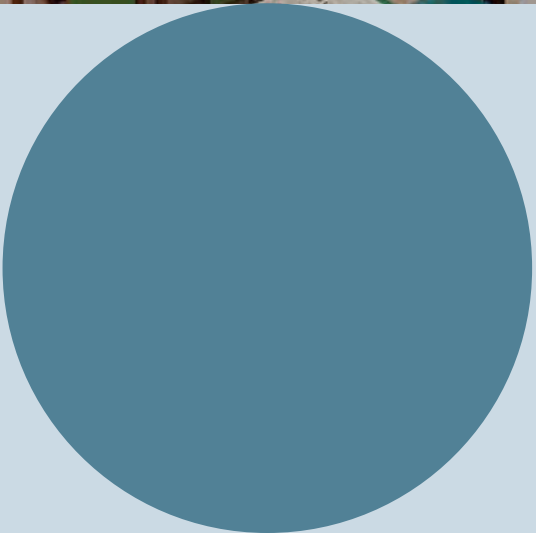
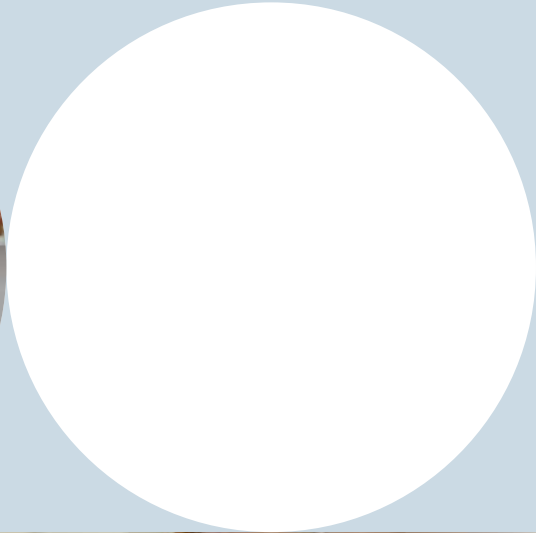




Studio Art MD'Azevedo É um espaço híbrido que funciona desde 1978. O centro de arte é dedicado a exposições individuais, coletivas e atividades diversas, como cursos de pintura, desenho e escultura. O nome do espaço é uma homenagem ao professor de pintura, artista plástico, gráfico e de publicidade, criador do centro. A galeria tem curadoria de Ana Monteiro. Durante o BSB Plano das Artes, foi apresentada a V Mostra Amigos na Arte, coletiva com trabalhos de artistas como Gildrede Nascimento, Anna Pagano, Mari Lasta e Juliana Vidnik.

Rua 1, Lote 25, Vila Telebrásilia – Asa Sul
(61) 99230-6980
www.facebook.com/Studioartmd
Funcionou: em 30/5 e 31/5: das 8h às 17h







ManoObra Foi criado em 1999 pelo artista e professor Ivacy de Souza em um terreno de 10 mil m², é um espaço de vivência, residência artística e experimentação, com mostras coletivas temporárias e exposição do acervo permanente, formado por obras de artistas brasileiros.

- **Nesta edição:** além de seu acervo, exibiu a mostra “EU O OUTRO”, do artista visual Bené Fonteles. Trata-se de uma coletiva com 93 artistas brasileiros, entre os quais Ernesto Neto, Iberê Camargo, Jonathas Andrade e Mario Cravo Neto. A mostra reflete os diálogos entre o artista Bené Fonteles e seus parceiros contemporâneos, não somente no campo das artes visuais, mas também na música e na poesia.

DF 150, Km 5, Chácara Vila Rosada, Conj. D,
Casa 6, Contagem – Sobradinho
(61) 98168-9323
www.facebook.com/manoobragaleria
Funcionou: de 30/5 a 2/6, das 8h às 12h e
das 14h às 18h.



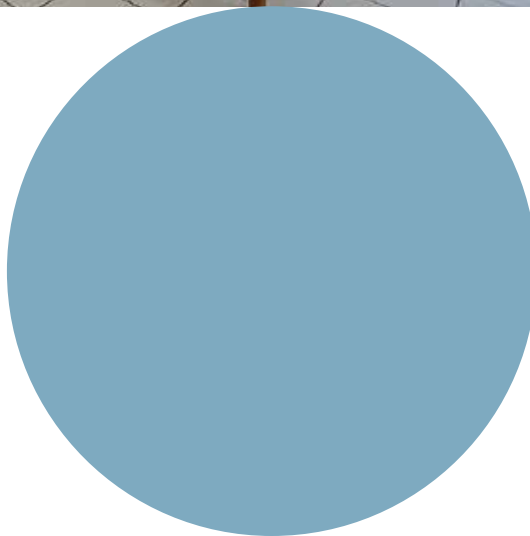




Matéria Plástica Galeria de Arte foi inaugurada em 2013, com a proposta de funcionar como um pequeno centro de apresentação, produção e divulgação da arte contemporânea. Dirigida por Luis Jungmann Girafa, produziu, em 2015, a publicação *Cadernos de Ensaio Visual* como forma de confirmar essa sua vocação de múltiplos formatos para as artes. Algumas exposições são organizadas juntamente a eventos gastronômicos associados ao tema da mostra em cartaz.

No BSB Plano das Artes, a galeria apresentou a mostra “SPHINX”, de Nelson Maravalhas, e a exposição coletiva do acervo, com obras de Luiz Gallina, Cintia Falkenbach, André Lafetá, Juan Pratignestós, Pedro Alvim, Luis Jungmann Girafa, Renato Matos e Wagner Hermusche.

Cond. Privê Morada Sul, Etapa a, rua 23, casa R49
Altiplano Leste – (61) 3367-1591
www.facebook.com/Matéria-plástica-galeria-de-arte-atemporânea-243459705808744
Funcionou: 30 e 31/5: 14h às 20h
1º e 2/6: 10h às 19h







Nação Cerratense Atelier de Arte Foi criado pelo artista visual Rômulo Andrade em meio a centenas de árvores nativas e jardins do Cerrado. Natural do Rio de Janeiro, Rômulo trabalha com pintura, desenho, gravura, poesia visual e objetos. Prepara suas tintas com pigmento mineral e gosta de pintar sobre papel, telas que ele mesmo prepara e lonas de grande formato.

Ao longo do evento, Rômulo levou o público a um passeio de reconhecimento do sítio e das inúmeras espécies de árvores nativas, contando como costuma utilizar madeiras, metal e pedras e além de trazer informações sobre a pesquisa desses materiais.

Chácaras Euler Paranhos – Paranoá
Funcionou: 30/5 a 2/6, das 9h às 13h.
(61) 98131-7105
www.facebook.com/pintoandrade



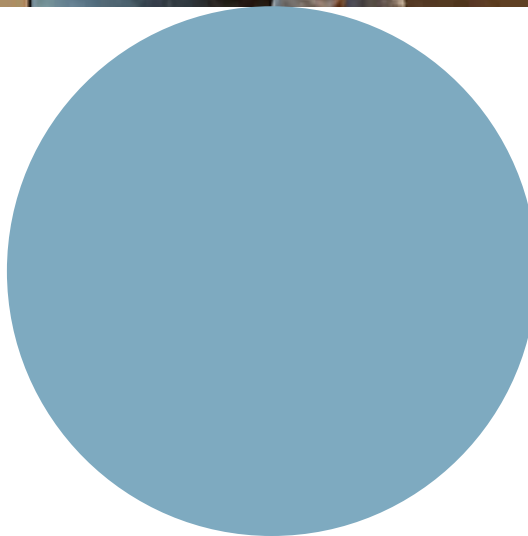




oBarco Estúdio Foi fundado em 2015 por Ádon Bicalho. É um espaço voltado para a exploração de técnicas histórico-alternativas de produção de imagens. Sedia cursos e eventos relacionados aos processos de fotografia analógica e disponibiliza o laboratório para uso coletivo na revelação de filmes e outros processos técnicos históricos. O espaço está aberto a diferentes públicos e gerações, tendo como objetivo a efetiva difusão de técnicas que, nos dias de hoje, despertam cada vez mais interesse, em contraste com o universo digital no qual a produção de imagens contemporâneas está inserido. A proposta desse lugar é fortalecer uma rede de fotógrafos que possa superar os percalços dos processos analógicos, sejam ligados à técnica, à aquisição de insumos ou à utilização de espaço físico adequado.

oBarco Estúdio apresentou uma programação com visitas guiadas e apresentação ao público de processos fotográficos; contou com oficina pocket de impressão fotográfica em cianotipia e produção de monóculos fotográficos analógicos.

SGAS 904, Bloco H, subsolo (Asceb) – Asa Sul
(61) 98267-8654
www.facebook.com/oBARCO.estudio
@oBARCO.estudio
Funcionou: 30/5 a 2/6, das 9h às 16h.







Oto Reifschneider Galeria de Arte Surgiu em 2006 como escritório para desenvolvimento de pesquisa e de projetos culturais de seu proprietário, Oto Reifschneider, especialista em obras raras e colecionismo. O espaço da galeria foi inaugurado em 2015 para abrir ao público o acervo e fazer parte da vida cultural da cidade de forma mais ativa, com a promoção de artistas e exposições. Atua no resgate de gravadores e desenhistas brasileiros e na promoção de novos artistas.

- **Nesta edição:** apresentou ao público o acervo e realizou encontros entre artistas e público. Entre eles, o pesquisador e jornalista Pedro Brandt, especialista em cultura e histórias em quadrinhos; o colecionador e curador Augusto Luitgards, que comentou sobre arte popular e arte naïf; e o ilustrador Fernando Lopes, que mostrou alguns de seus trabalhos e publicações.

SCLN 302, bloco E, loja 41 - Asa Norte
www.escriptorioarte.com

Funcionou: 30/5: 12h30 às 20h30
31/5: 12h30 às 20h30
1º/6: 10h às 20h
2º/6: 13h às 18h

(61) 98168-4293







Pé Vermelho – Espaço Contemporâneo É um ateliê que também funciona como residência artística. Criado pelo artista e pesquisador João Angelini, foi aberto em 2018, em uma casa na praça São Sebastião (ou praça da Igreja), em Planaltina (DF). Angelini tem, nas questões processuais, nas reflexões dos modos de fazer, nos limites e nas convergências de linguagens e técnicas, o ponto de partida para suas pesquisas. Assim, há desdobramentos em diversos meios, como animações, vídeos, fotografias, performances, pinturas, gravuras, teatro e música. Ali, promovem-se encontros da comunidade artística e cultural da cidade, são oferecidas oficinas de elaboração de portfólios, rodas de debates, sarais culturais, shows e festas de carnaval. A casa é ateliê fixo do artista, que conta também com um ateliê transitório. No BSB Plano das Artes, os visitantes conheceram o espaço e as mostras da produção de Angelini e do artista que ocupou o ateliê transitório, Shevan Lopes. Os artistas conversaram com os visitantes tanto sobre seus processos artísticos, quanto relataram as estratégias e intenções de produção e desenvolvimento de um espaço cultural na região.

Avenida 13 de Maio, quadra 57, lote 6
Praça São Sebastião – Planaltina (DF)
(61) 99687-5370
Funcionou: 30/5 a 2/6, das 9h às 12h30 e
das 14h às 20h.

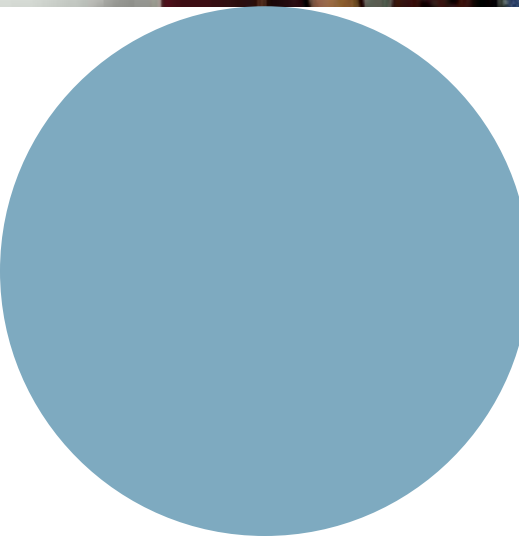


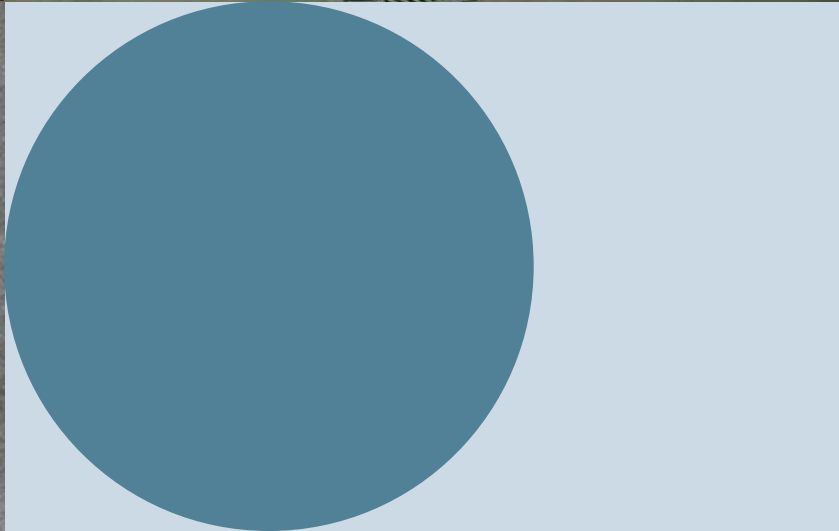
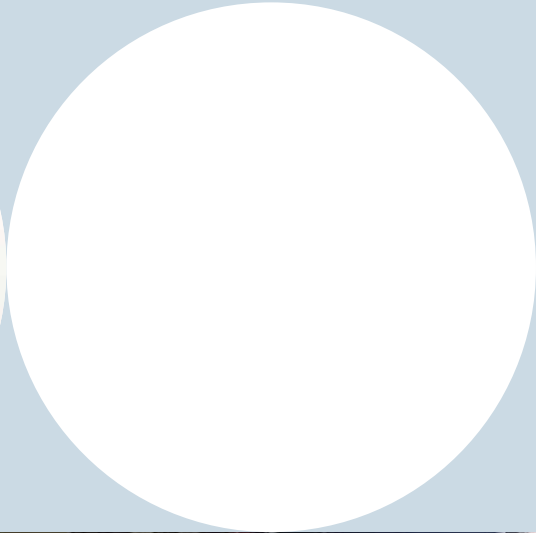




Plano Imaginário Foi idealizado pelos fotógrafos Zuleika de Souza, Paula Simas e Cláudio Versiani. Trata-se de um lugar com o propósito de fomentar o diálogo com o público por meio da fotografia. Realiza exposição e venda de fotografias, oferece cursos, palestras, curadoria e acompanhamento de projetos. Há mais de 35 anos, Zuleika destaca-se como fotojornalista, tendo trabalhado em redações de jornais, como o Correio Braziliense, onde atuou por 25 anos. Paula e Cláudio são seus parceiros de longo tempo, tendo desenvolvido diversos projetos em conjunto. O próprio Plano Imaginário era um projeto de produção fotográfica, antes de ganhar um espaço físico. Foi criado como um lugar para discutir e divulgar a fotografia de quem a tem como meio de ver o mundo. Além dos fundadores, nomes como Luiza Venturelli, André Dusek, José Maria Palmieri e Arnaldo Saldanha participam de atividades do projeto. Durante os dias do evento, foi realizado um brechó de câmeras e equipamentos e encontro com os artistas que fazem parte do acervo do Plano Imaginário.

SHIN CA 7, bloco G, loja 105 – Lago Norte
(61) 99219-4036
www.facebook.com/planoimaginario
[@planoimaginario](https://www.instagram.com/planoimaginario)
Funcionou: 31/5: 14h às 20h
1º/6: 15h às 20h



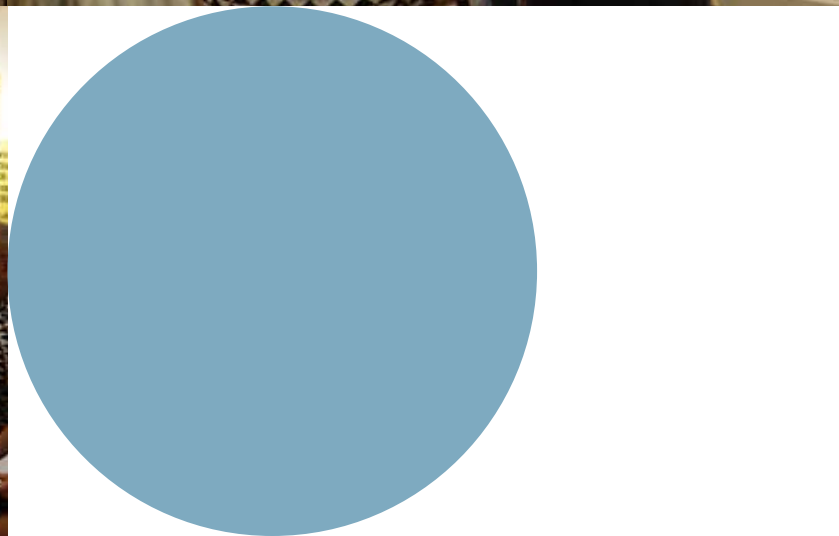


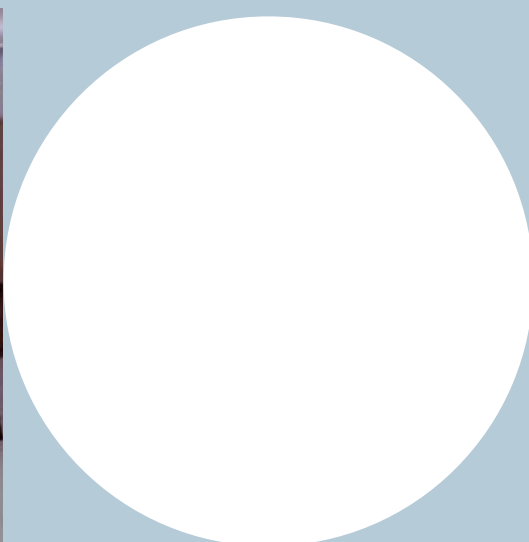


Referência Galeria de Arte Representa artistas nacionais, com apresentação de suas produções em feiras, publicação de catálogos e montagens de exposições no espaço próprio e em outras instituições. A Galeria sempre teve como proposta dar espaço para os artistas locais e apresentar artistas de outras cidades ao público brasileiro.

- **Nesta edição:** a galeria apresentou programação na qual foram feitas visitas à mostra “Jogo de simples”, de Ralph Gehre, com a presença do artista, que também conversou com o público; e realizou encontro com o artista visual Christus Nóbrega, no qual foi apresentado resultado de processo de residência artística realizada na Austrália, “In the Footsteps of Priscilla (Seguindo os passos de Priscilla)”.

SCLN 202, bloco B, sala 11, subsolo – Asa Norte
(61) 3963-3501
www.referenciagaleria.com.br





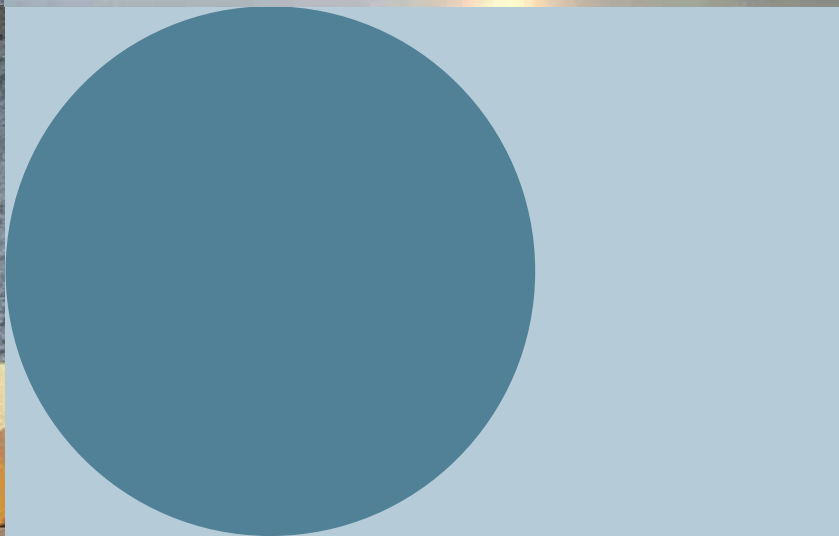


XXX Arte Contemporânea Realiza exposições, oficinas e residências artísticas. A galeria é voltada para a arte contemporânea, tendo em seu foco temático a relação entre arte e sexualidade, sendo uma das poucas galerias no país voltada a esse tipo de produção.

- **Nesta edição:** a galeria apresentou a mostra “Dreamscape”, de Vitor Schietti, e o programa ateliê aberto dos artistas Ana Olivier, Chris Contreiras, Daniel Nogueira, Loreni Schindel, Maria Clara Marra, Monica Palhares, Rosana Cruz e Vera Seciliano, participantes do processo acompanhamento crítico conduzido pelo seu diretor, Rogério Carvalho.

Rua Sucupira, casa 23, SH Estrada do Sol
Jardim Botânico
www.facebook.com/axrxtx
Funcionou de quinta a domingo, das 14h às 18h













PÁG.73

SCLRN →

ENTREVISTA COM WAGNER BARJA BRASÍLIA MAIO/2019

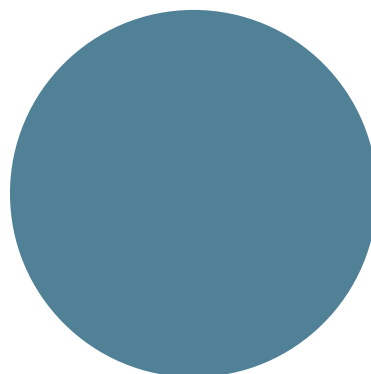
*Em memória de
TT Catalão*

Cinara Barbosa: Barja, queria começar essa nossa conversa comentando sobre a sua trajetória extensa. São experiências múltiplas, ora como diretor institucional, ora como curador, ora como artista. E, nessa trajetória institucional, você teve passagem pela direção de vários aparelhos culturais de Brasília. Eu fico intrigada em perguntar a você: na sua experiência de vários anos, quais seriam os desafios que são praticamente permanentes e quais seriam aqueles desafios que são novos, que surgem por contingências específicas ou por questões da própria instituição ou questões políticas?

Wagner Barja: Olha, precisamos considerar o fato de estarmos em Brasília, uma cidade que foi estruturada para se estabelecer o poder político, com uma estrutura urbanística e sociocultural que viveu vários momentos diferenciados ao longo da história. Brasília é uma cidade que dificulta o acesso. Embora tenha sido uma cidade planejada, ela viveu dois momentos: um primeiro, de uma modernidade, utópica, no qual a arte atravessa a cidade no âmbito da estética, arquitetura, urbanismo e das artes; e um segundo momento, no qual ela vive uma pós-modernidade, quando ela se desconstrói por uma avalanche, um adensamento populacional, que passa a mudar o *status quo* da cultura da cidade. Ela se diversifica, porque o país todo está aqui com suas manifestações culturais, e também o cinturão internacional, que é muito presente também. E relaciona-se com essa cultura que é uma Babel, uma chuva de cultura que tem um certo descontrole, porque é difícil detectar o que

é esse caldeirão cultural e saber traduzir isso numa política pública.

Quando você fala em gestão pública, ela é atravessada por diversos fatores econômicos, socioculturais e, principalmente, políticos. Ultimamente, temos atravessado momentos nos quais a ameaça da censura é visível e a liberdade de expressão é dificultada. O corte de orçamento da cultura reflete a destruição de valores, não somente econômicos, mas também éticos e estéticos.



Porque nenhum projeto econômico se faz sem a ética. E, em relação à ética, vivemos hoje uma pós-verdade, uma pós-ética, e há um sistema que não conseguimos identificar e reagimos a ele; e a reação se torna uma submissão maior ainda ao discurso. Esse é o maior problema que vejo no momento.

Mas, os problemas anteriores que se acumulam hoje e se manifestam são relacionados ao equipamento. O equipamento humano, que é necessário estar no equipamento edificado, fixo. Além de equipamento, temos informação e formação. Isso eu aprendi com um cara chamado TT Catalão, ou seja, esses são os três itens necessários para montar qualquer projeto de gestão cultural. E esses três itens – equipamento, informação e formação – precisam estar muito bem engendrados para dar sustentabilidade para o projeto cultural, seja ele qual for.

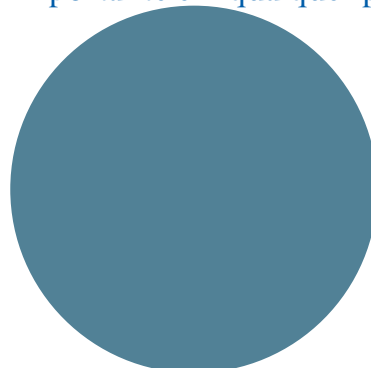
Embora tenha ainda suas cicatrizes modernas, Brasília teve uma perda de identidade cultural com o adensamento populacional, de forma que ela hoje não é nem uma metrópole e nem chega a ser uma cidade do interior, na qual se percebe uma identidade mais definida. Recentemente, passei por várias instituições públicas, todas elas com o mesmo tipo de dificuldades encontradas, em proporções diferentes, dependendo da demanda. Isso porque a instituição pública é constituída para atender às necessidades do cidadão. Com relação à questão do equipamento, da formação, seja ela do artífice ou do artista, do mercado, do público, esses fatores se entrelaçam com uma cola muito forte. E hoje sofremos com esse tipo de inação, em cima das questões do equipamento, da formação e da informação. E em relação à informação, quando não há uma seleção clara, essa informação não produz conhecimento. É muito difícil criar um ethos cultural a partir somente da informação, ela precisa ser canalizada para que se constitua em conhecimento. E é na formação que se produz o conhecimento e se cria uma reflexão crítica sobre as coisas.

Cinara: A partir da sua fala, penso que, diante dos desafios enfrentados por quem está à frente de instituições, é necessário estabelecer certas manobras para que, de fato, se coloque aquela instituição em andamento, em movimento, em ação. Uma instituição como o museu tem como missão apresentar exposições de arte e, diante de uma série de dificuldades como as que você elencou, certas estratégias são muito bem-

vindas. E essas estratégias, muitas vezes, se vinculam a ações políticas. A leitura que se faz de sua gestão no Museu Nacional é de uma gestão que sempre esteve vinculada a uma abertura para o artista da cidade, de Brasília, sem deixar de contemplar projetos de fora. Isso dava uma sensação ao artista local de ser “abraçado” e de ver a instituição como uma possibilidade também de apresentar seu trabalho. Como você vê essa ação, que caracterizou sua gestão à frente do Museu Nacional?

Barja: É uma questão de você olhar pro outro, de ter empatia com o seu território. É uma questão mesmo de vivência em comunidade, é natural. Eu trabalhei em comunidades de baixa renda e entendo que conseguir extrair das pessoas o melhor delas, esse é o papel do gestor.

Eu nunca achei que fosse um ato de caridade acreditar naquilo que as pessoas ainda não conheciam, que a indústria cultural ainda não havia escolhido. Deve-se apostar na novidade, e isso é também uma questão de solidariedade com a comunidade, com o seu território. A noção de território é muito importante em qualquer projeto.



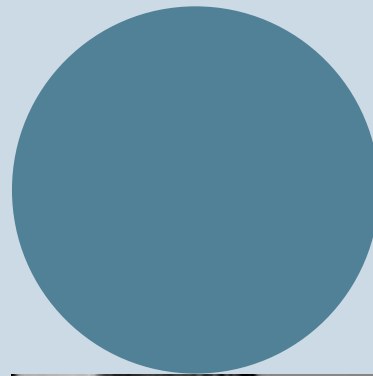
Se você construir um palácio no meio de uma favela, isso é uma contradição muito grande e só seria razoável se todas as pessoas pudessem entrar naquele palácio, que é o caso do Museu. Que está do lado da rodoviária, está do lado do sistema rodoviário e metroviário, que traz milhares de pessoas todos os dias para o local onde está o Museu. Eu via essas pessoas como o público do Museu. No caso da 508, a mesma coisa. Apostar nas coisas que estão perto de você é saber conviver com aquilo em harmonia. Eu costumo dizer que o Museu não é o Castelo de Caras, é o Piscinão de Ramos, e eu sentia como se fosse assim. Então, o pipoqueiro era o talismã do Museu, a gente escondia ele da Agefis (Agência de Fiscalização do Distrito Federal), porque o próprio governo, muitas vezes, trabalhava contra a economia da cultura periférica que ali se instalava. Você tinha que ter noção dessa periferia e saber se relacionar com ela. E, ao mesmo tempo, saber se relacionar também com os embaixadores, os artistas e até com o Presidente da República.

Cinara: Quando comecei a atuar no Elefante Centro Cultural eu desenvolvia uma pesquisa sobre a formação de alguns coletivos e grupos de artistas e o Elefante chamava a atenção por ser esse espaço que coloca em visibilidade a ideia de um centro cultural autônomo. Para mim, a proposta de centro cultural estava ligada a algo que passava pelo viés governamental, como um Centro Cultural Hélio Oiticica, ou seja, um lugar institucional, com uma certa escala. Então, no decorrer desse primeiro entendimento e um incipiente mapeamento de espaços autônomos, aqui no DF, que depois veio a se concretizar no projeto BSB Plano das Artes, acontece o [projeto] Onde Anda Onda.

Barja: É uma sincronicidade, em cima de uma necessidade do reconhecimento do nosso território. E essa sincronicidade é maravilhosa... em 2016, eu já vinha planejando isso, eu precisava de uma pauta para essa turma. Porque Brasília, por incrível que pareça, acaba protagonizando a cena nacional em coisas muito importantes, como o projeto de Educação do início da cidade, no qual tivemos um Anísio Teixeira, um Darcy Ribeiro, que olharam para a cidade planejando essa cultura imaterial que existe, a partir desse entrelaçamento de culturas que Brasília produz. Eu comecei a enxergar isso dessa forma. É natural você estar com uma lente – e o Museu é uma lente – para legitimar isso

em um projeto como o Onde Anda Onda, que foi inspirado em um poema².

A cidade volta a ter uma energia que estava represada no campo das artes visuais. Porque Brasília tem os seus momentos importantes nas artes visuais, a cidade é um museu a céu aberto. Eu não vivi aqui à época, mas a história nos conta que aqui teve um centro cultural importante que foi o da 508 Sul, que trouxe uma vibração cultural para a cidade. E depois eu pude participar da retomada desse espaço, com a sua reconstrução.



(1) Espaço Cultural Renato Russo – 508 Sul, na Asa Sul, em Brasília.

(2) A Onda, de Manuel Bandeira, publicado na 1ª. Edição do livro A estrela da tarde, de 1960.



A independência desses espaços autônomos, em relação à gestão pública, é que tem que ser reconhecida como um valor permanente, porque não se consegue apagar a chama desses espaços. Eu entro aqui [no Elefante Centro Cultural, local da conversa] tem o João Trevisan trabalhando, independentemente de os equipamentos públicos estarem funcionando ou não.

O Onde Anda Onda foi um projeto estruturado a partir dos valores da crítica, do mercado, e das relações dos espaços inclusive com o Terceiro Setor. E também com as embaixadas, com os colecionadores. E houve resultados positivos em termos econômicos para os empreendedores das artes visuais do DF. A ideia era colocar as pessoas em contato e possibilitar a abertura de

relações entre elas. É um projeto que deveria continuar, porque não é um projeto meu. E eu acho que o BSB Plano das Artes é um outro embrião que tem esse foco no entrelaçamento entre as pessoas e suas possibilidades de mercado. É muito interessante.

Cinara: Há esses aspectos mais estratégicos da gestão, a partir do seu caso à frente de instituições, como aquela pessoa que está em uma posição e que tem uma preocupação em enxergar esse todo da cidade, mas há também algo muito específico, que é a sua atuação como curador do Museu. Gostaria que comentasse como você vê esse seu papel de curador, como idealizador de projetos a partir dos acervos das instituições.

Barja: Os projetos que mais deram prazer de trabalhar foram aqueles que tinham uma certa liberdade de expressão, que não eram, digamos, “pacotes prontos”. Muitos projetos vieram prontos, o que não quer dizer que eram ruins, pelo contrário. Porque, quando não se tem dinheiro, a curadoria implica em pesquisar o que já está patrocinado, incentivado e tentar absorver esses trabalhos. Houve programas como, por exemplo, de artistas latino-americanos, a partir do qual consegui estabelecer uma parceria com o Ministério das Relações Exteriores, que tinha uma carteira de negócios com empresas que poderiam patrocinar exposições de grandes artistas latino-americanos. E esse projeto gerou exposições importantes das quais eu fui o curador. A Educação também foi um projeto importante no Museu, já que nunca descolamos a Cultura da Educação, pela questão de formação de público, de mediação das exposições. Exigíamos que os projetos de exposições tivessem educadores nesse trabalho de mediação com o público.

Cinara: Tem uma escala desse trabalho de curadoria em uma instituição do porte do Museu e nas diversas relações que têm que ser feitas, para se trabalhar com acervos de outras instituições, inclusive do exterior, entre outras questões.

Barja: Há critérios e regras que as pessoas que estão fora às vezes não veem, mas até chegar ali, na exposição pronta, passamos por diversas etapas e pelo cumprimento de várias normas. Eu estou escrevendo na minha tese sobre arte, ciência e tecnologia e costumo dizer que o museu é um espaço científico. A experiência

museológica tem uma lógica do museu. Conheço vários museus, com tipologias distintas, nos quais as normas são fundamentais.

Às vezes, é muito difícil que as pessoas entendam o que é o rigor museológico, em relação a você conseguir trazer grandes obras ou coleções internacionais, é preciso atender a determinados critérios, para se habilitar a receber essas obras. Muitas vezes, são obras raras, que exigem todo o cuidado no tratamento. Nós, com muito esforço, sempre conseguimos atender a esses critérios, e acho que esses é um dos maiores méritos do Museu.

Outro mérito é ter uma coleção significativa com a qual, juntamente com a coleção do Museu de Arte de Brasília – MAB, é possível contar a história da arte brasileira desde a sua modernidade até os tempos atuais. Então, se alguém quiser fazer uma pesquisa sobre a história da arte brasileira inevitavelmente terá que fazer um *pit-stop* no Museu.

Cinara: Chegou a andar o processo de catalogação, de sistematização?

Barja: Isso eu deixei tudo pronto. A herança que o Museu deixa para a cidade é uma coleção, que é muito importante. O GDF não tinha uma coleção Modernista tão consistente, e também de arte contemporânea. O Museu sempre trabalhou com empréstimos de coleções privadas, para compor as lacunas que existem na coleção. E a confiança que esses colecionadores privados tinham no nosso trabalho era muito grande. Porque, respondíamos às grandes coleções no exterior com todo o trâmite necessário, o *facilit report* do museu, da mesma forma que conseguimos manter a climatização funcionando, um parque de iluminação que, se não é o ideal, atendia a projetos importantes. E outra coisa muito importante foi o sistema de edição do Museu, nós conseguimos fazer um acordo com as gráficas em troca de serviços, o que viabilizou diversas publicações; com isso, ficou um registro e um material de pesquisa.

Cinara: Tem um sistema de avaliação de obras, do ponto de vista do mercado?

Barja: A precificação? Não, isso foi uma falha. Porque um sistema de precificação tem uma forma de elaboração que é muito diversificada. É preciso consultar valores em alguns mercados e tirar uma média dos valores. Fizemos precificação de alguns acervos que não eram da esfera do Museu Nacional. Para o nosso acervo, ficamos



devendo isso, porque ainda não temos seguro. No entanto, por exemplo, em troca de serviços de impressão gráfica para publicações do Museu, fizemos precificação do acervo do Senado, que é menor que o nosso. Eu, muito antes de ser diretor do Museu, fiz do acervo da Caixa Econômica Federal, fui contratado para esse trabalho. Mas nós não podíamos fazer precificação de um acervo de quase três mil obras, que é uma demanda para dois a três anos de trabalho.

Cinara: Então, quando se faz o levantamento para o seguro do acervo, automaticamente já se faz a precificação?

Barja: A precificação do acervo é feita da seguinte forma: são feitas consultas a Bolsas de Arte, a galeristas, a diversos setores do mercado, para saber qual é o preço de mercado. E, a partir do valor de mercado, é definido o valor do seguro. É preciso um especialista para fazer esse levantamento. Nós avançamos quando criamos uma rubrica dentro da Secretaria de Cultura, porque o acervo não é do Museu, da mesma forma que o acervo do MAB, ambos são do Distrito Federal. O que temos é a precificação de algumas obras que são valiosas na coleção. Por exemplo, eu sei quanto vale um Di Cavalcanti, uma Beatriz Milhazes, um Tunga, mas o conjunto da coleção não está precificado.

Cinara: Há várias políticas de aquisição. Por exemplo, a doação faz parte da estratégia para a montagem de acervo. Há um conceito da coleção do Museu?

Barja: Sim, a coleção tem um conceito. A lógica é como a de encher o copo de água. Essa água pode ter um PH ótimo ou pode ser uma água contaminada. O acervo do Museu preencheu a água com um PH interessante.

Cinara: Ele é bem variado...

Barja: Sim, o acervo tem várias linguagens. Por exemplo, há instituições que têm coleção de papel, como museus da gravura, de fotografia...

Cinara: Pelo que o Museu tem hoje em acervo, esse que pertence ao GDF, as coleções do MAB e do Museu Nacional, há obras relevantes e também outra quantidade adquirida por sistemas de salões ou de prêmios.

Barja: O sistema de prêmios de aquisição é muito bom, porque há um júri, composto por profissionais qualificados que selecionam as obras. Então, este é um dos melhores sistemas, porque a aquisição é feita por meio do prêmio e, portanto, há um filtro de seleção. E, ao mesmo tempo, há uma promoção do acervo, porque a aquisição é feita a partir da premiação, que é publicada, exibida, e dinamiza a produção. Esse é o melhor sistema a meu ver. Deveríamos ter dois, três, quatro prêmios, porque aí se garante trazer uma quantidade de obras, com qualidade, para o acervo da instituição. E existem as doações espontâneas. Há instituições que estabelecem como regra exigir uma ou mais obras de um artista que expõe no seu espaço. Eu não acho

isso correto, nunca fiz esse tipo de acerto no Museu, até me opus a isso. E, muitas vezes, chega a ser prejudicial à instituição, porque o artista pode doar a pior obra da exposição, a que não tem valor. E a doação espontânea, ela passa também por um crivo seletivo, no qual colocamos para o artista a pauta do acervo. Queremos obras de diversificadas linguagens, de diferentes abordagens, temáticas ou não, mas que tenham diálogo com o conceito que foi estabelecido para o acervo. O acervo do Museu é basicamente composto de arte brasileira, mas não excluimos a possibilidade de aceitar obras de artistas internacionais, como há hoje na coleção.

Cinara: Tem obras suas?

Barja: Não. Nunca me senti à vontade de colocar trabalhos meus na coleção. Recentemente, o Charles (Cosac) reclamou que não há nenhuma obra minha lá, mas agora eu tenho a liberdade de fazer uma doação. Porque, às vezes, os artistas, bons artistas, chegam ao Museu e fazem doações. O José Zaragoza doou uma coleção inteira. Eu não gosto de pedir, não sou o tipo de gestor que sai pedindo obras para artistas, eu acho que isso não é válido e, em termos éticos, não é bom. No entanto, se o artista se sente inclinado a doar, aí o gestor aceita. Mas, não tem essa de “cavalo dado não se olha os dentes”, a obra tem que ser um trabalho que qualifique o acervo e o próprio artista.

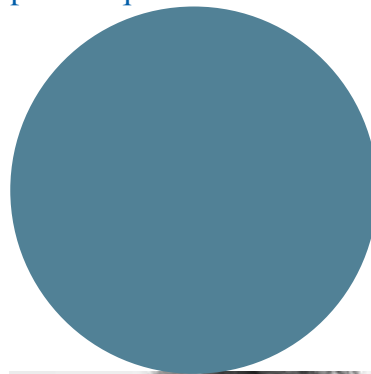
Cinara: Estava lembrando de alguns eventos e curadorias que fiz aqui no Elefante Centro Cultural, em algumas ocasiões eu te convidei, como artista, para participar. E você, à época diretor do Museu Nacional, sempre me respondia que não participaria por conta de seu vínculo institucional.

Barja: Meu vínculo com vocês. Eu não me sentia à vontade para participar, porque, mesmo não sendo um “crime hediondo”, eu não considerava correto. Eu nunca fiz esse tipo de coisa.

Cinara: E nesse momento? Após a saída da direção do Museu Nacional, em que, naturalmente, você está mais concentrado na sua carreira e mais voltado para seus projetos como artista, para a sua produção, com convites que tem recebido, como está a sua produção, ou seja, como está o Barja artista?

Barja: Eu estou olhando pelo retrovisor, porque não podemos esquecer o que a gente fez. Eu tenho obras de mais de 30 anos, mas com um prazo de validade que não venceu. As pessoas que têm me convidado, têm buscado isso. E eu sou sempre muito inseguro, como qualquer artista.

Eu não sou muito bom de manufaturar as coisas, meu mundo é o mundo das ideias. Às vezes, algumas pessoas fazem aquilo que eu não dou conta de fazer. Eu não consigo fazer um embrulho para presente, eu fico nervoso, começo a fazer tudo errado, não consigo, não tenho prática dessas coisas (risos). Eu sou aquela pessoa que ouve música, percebe uma nota errada, mas não consigo tocar um instrumento. Eu admiro essas pessoas que têm uma destreza artesanal.



Cinara: É preciso fazer associação com as questões conceituais, você é um artista que tem a questão da presença do conceitual muito forte na sua obra.

Barja: Sim, e eu fico me questionando qual é a minha vocação como artista e são coisas muito interessantes de perceber.

Cinara: Vamos pensar em alguns projetos...

Barja: Você que é a curadora. Eu tenho recebido uns convites para expor, aqui no Brasil

e fora do país. O Charles (Cosac) me convidou para expor no Museu, gosto muito dele.

Bernardo Scartezini: Em um momento em que espaços públicos como o MAB e a 508 estavam fechados ou colapsando, foi quando surgiu, digamos, essa bolha de empreendedorismo, que foi o surgimento de espaços de arte independentes no Distrito Federal. Você, que viveu o antes e o durante disso, consegue estabelecer alguma correlação, ou seja, uma questão é resultado da outra, ou estabelecer essa relação seria um certo romantismo?

Barja: Eu não acho que seja romantismo, é uma forma de manifestação da sociedade civil autônoma, e isso para mim é mais importante do que as próprias instituições públicas, porque é uma espécie de onda que ninguém consegue segurar. Você veja, quiseram fechar a [exposição] Não Matarás, mas não tinha nenhum investidor, acionista de banco pressionando o banco para fechar, então a Não Matarás mudou de nome para Não Fecharás. Quero dizer que eu vivi esses dois lados, mas eu sempre trabalhei em espaços marginais. E a margem também está dentro do rio, e esse é um conceito do Rogério Duarte Guimarães, que foi um dos meus orientadores.

O que quero marcar com essa fala, é que dentro do Estado existe uma marginalidade que não é bandida, a partir da qual é possível trafegar fora do sistema, com certa liberdade. Os espaços autônomos de arte têm uma certa falta de estrutura de gestão, que pode prejudicar a relação dele com o Estado, com a burocracia estatal, mas, ao mesmo tempo, isso ajuda na comunicação e na difusão do que estão fazendo.

Uma coisa é você trabalhar em um espaço em que, dependendo do contexto político, haja liberdade de expressão. E isso é fundamental na Arte, que haja liberdade para o artista criar, que haja liberdade para o arte-educador. Porque, para mim, o maior problema está na formação do cidadão e sinto que os espaços empreendedores ainda não atingiram esse quesito de uma forma mais plena. Isso pelas estatísticas: foi feita pela Codeplan [Companhia de Planejamento do Distrito Federal], há uns anos atrás, uma pesquisa sobre quais seriam as ansiedades de uma comunidade, seja ela periférica ou aqui do Plano Piloto. Em primeiro lugar, vieram os espetáculos com entrada aberta ao público; em segundo lugar, com uma diferença muito pequena, apareceu a questão da formação profissional. Eu sempre vi a

arte como um fator de sobrevivência do artista, porque o artista que não exerce seu papel de artista não sobrevive, é a alma dele, a essência da pessoa. E o fator de sobrevivência é a questão econômica, da formação do artista. E também a questão de se descobrir a vocação de uma cadeia produtiva imensa que está por trás da obra de arte. Eu consegui compreender isso com mais clareza nas câmaras setoriais da Funarte [Fundação Nacional de Arte], como representante dos artistas plásticos.

O PIB [Produto Interno Bruto] da Cultura é muito maior do que se imagina. Os governos que não percebem isso, como fator econômico fundamental de uma sociedade, estão totalmente equivocados. E, na questão do empreendedorismo na cadeia da Cultura, está faltando a questão da formação profissional, ou seja, falta termos melhores profissionais em iluminação, montagem, em tudo o que se refere à museologia. Faltam iniciativas empreendedoras, projetos de formação, na questão do aspecto formativo dos profissionais, em tecnologias digitais, por exemplo. E os resultados são surpreendentes: na 508, na minha época, havia iniciativas assim, e eu promovi exposições de vários artistas que foram meus alunos e que depois tornaram-se profissionais. Hoje, esse é um aspecto que falta.

Cinara: Essa foi uma questão que coloquei no projeto do BSB Plano das Artes, está no texto do catálogo da primeira edição. É a minha percepção também. Meu interesse é sempre perceber os fenômenos, e a cidade é uma coisa viva, ela pode ter um planejamento, mas ela tem uma dinâmica, porque é feita por nós. Então, quando se começa a perceber que estão surgindo espaços e que eles estão se colocando para o público, abertos a todos, percebe-se que está acontecendo alguma coisa ali. Olhando ao redor, notamos que os espaços públicos estão fechados e, no entanto, ao mesmo tempo, há a formação teórica de artistas e uma quantidade de artistas circulando, produzindo. Como essa produção será absorvida? Então, parte-se para experiências próprias, além do fomento da própria pesquisa.

Barja: Quando você fala em formação, temos a teoria e a prática, principalmente no campo da Arte. Esta tem que ter uma sustentação teórica, conceitual. E o primado da técnica é

importante, ou seja, o aspecto de o artista saber como executar um trabalho. E há também uma cadeia muito ampla de pessoas com capacidade técnica e tecnológica. E uma linha programática de um espaço cultural tem que atingir todos esses segmentos, que fazem parte da cultura material e imaterial que brota em uma cidade como Brasília. Em relação a minha atuação à frente do Museu, eu sempre fui um “não-diretor”, porque acho que você tem que ter autoridade no momento em que precisa ter autoridade, e não o tempo todo. Você precisa usar da autoridade quando precisa dela e não ser uma pessoa autoritária. O que diferencia uma coisa da outra é a pessoa e não o sistema no qual ela está incluída. Então, se você tem credibilidade, age com correção com as pessoas, você pode ser até doido, sair nu pela rua, que você não vai perder sua credibilidade.

Então, os espaços que permanecem resistindo a essa onda de desmontagem do sistema cultural, eles vão permanecer, vão deixar sua marca.

O artista que resistir a esse tipo de facilidade, que uma ou outra condição política lhe oferece, ele vai sobreviver a essa crise. Porque nós somos os donos das nossas ideias. O burguês não é aquele que detém os seus meios de produção? Então nós somos burgueses, nós podemos ter uma cidadela de proteção, no sentido de que nós detemos os nossos meios de produção. Porque, se você não tem um pincel, vai usar um pano de chão. O artista não vai deixar de fazer se não tiver uma tinta importada. Você não vai deixar de fazer uma foto porque não tem uma câmera 4K, ele vai fazer a foto com o celular e transformar aquilo em uma obra de arte. Nós detemos o mundo das ideias, então nós detemos os meios de produção. No entanto, o artista que sacrifica sua obra em detrimento dessas qualidades e se entrega a uma

voracidade de mercado, ele não sobrevive. Ele vai se manter por um tempo, mas não sobreviverá. O espaço cultural, seja de natureza pública ou privada, com dinheiro ou sem dinheiro, que presta atenção no outro, que se relaciona com o contexto, com o território, com as coisas que estão ali e precisam desencadear os processos, esse espaço vai se notabilizar. Seja ele no entorno, no Plano Piloto, onde for. Porque é o espírito, o ânima que move isso, o resto é uma consequência.

Cinara: Fico pensando nessa escala, no fato de termos projetos de vários espaços autônomos. Eu sempre fico querendo pensar nesse sistema. Temos as instituições museológicas, os centros culturais...

Barja: ... todas falidas!

Cinara: ... sim, e há uma outra gama de espaços que estão produzindo e contribuindo para uma construção da Arte brasileira e que têm também outras escalas de problemas, desafios e questões.

Barja: Paulo Freire não dava aulas debaixo da mangueira?

Cinara: Então, aqui é a mangueira, aqui é a própria.

Barja: O que é uma Escola de Samba, que coloca o maior espetáculo da terra na avenida? Vão lá ver o barracão, durante o processo de trabalho de preparação para o desfile. A minha formação foi ali, vivenciando aquele processo. Então, tirar leite de pedra é uma coisa normal para a gente. É justamente a questão que diferencia os artistas de outros setores.

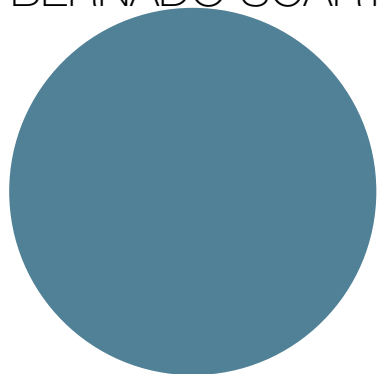






SHIGS →

O LUGAR DA ARTE, O TEMPO DA ARTE BERNADO SCARTEZINI



30 de maio de 2019. Mais de uma centena de cidades, no Distrito Federal e em outras 25 unidades da federação, receberam protestos contra os cortes na Educação anunciados pelo Governo Federal. No mesmo dia, a segunda edição do projeto BSB Plano das Artes começou a percorrer as ruas de Brasília e as rodovias do Distrito Federal.

Ambos os movimentos, cada um a seu tempo, cada qual com seu apelo, tirou as pessoas de casa e fez com que elas ganhassem o espaço público. Mais do que uma mera coincidência de datas, temos aqui o sinal dos tempos atuais. É preciso se mexer, marcar posição, ir ao encontro do que se acredita. Agora.

O projeto BSB Plano das Artes nasceu dentro da sociedade civil com a intenção de tornar visível o atual momento do sistema das artes do Distrito Federal, marcado pelo crescimento de espaços independentes para as artes visuais. E o projeto também trabalha a ideia de integrar ações individuais num crescimento coletivo, que se torne sustentável a médio e longo prazos. Para isso, tocar as pessoas é fundamental, formar público, difundir a curiosidade pela expressão artística local.

Desde 2013, perceba, esses espaços independentes vêm pipocando no Plano Piloto e nas cidades do DF. Surgindo da pura necessidade, pura criatividade dos envolvidos. À margem do poder público, e justamente se alimentando indiretamente da omissão do poder público, artistas e agitadores culturais

vêm criando ações e atendendo a demandas desprezadas pelas vias oficiais por muito tempo, tempo demais.

Basta este único e eloquente exemplo: o Museu de Arte de Brasília (MAB) segue fechado para reforma desde 2007. Atravessa assim, entre tapumes, quatro diferentes gestões, de quatro diferentes governadores (mais alguns interinos), de quatro diferentes partidos políticos.

PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR

Tenho tido a experiência diária de palmilhar esses espaços. Como jornalista de cultura, visitava exposições movido por certo interesse pessoal e também pelo evidente dever de ofício. A necessidade de cumprir antes, pessoalmente, o roteiro de artes que estaria a oferecer aos meus leitores.

Nessa prática de repórter para além do ar condicionado, algo cada vez mais raro nas cada vez mais enxutas redações da imprensa brasileira, aprendi – no mundo real – que a galeria de arte e que a exposição ali montada são apenas a pontinha visível de algo muito maior.

Comecei a visitar também os ateliês dos artistas, me convidando a ser recebido por eles. Valendo de minha profissão como salvo-conduto, pude dar um passo ou dois mais para dentro do sistema da arte, encontrando os trabalhos antes que eles cheguem ao espaço expositivo e ganhem as luzes de uma galeria, a aura de um museu.

Apreendi um bocado. Senti a necessidade aprender mais. Então, como estudante do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, outras etapas desse processo se descortinavam. E ganhei a oportunidade de conversar ainda mais sobre a arte – no que ela tem de mais metafísico, no que ela tem mais de concreto. De assunto recorrente, para mim, passou a ser o tema principal de meus dias.

Gosto de pensar que o BSB Plano das Artes possibilita esse tipo de mergulho para todos que estejam interessados, para todos que possam tirar uma tarde livre. Você não precisa mais ser jornalista para bater no ateliê de Raquel Nava, na Babilônia Norte, e surpreendê-la serrando ao meio uma capivara taxidermizada. Você não precisa mais ser estudante de arte para visitar a casa de Ralph Gehre, na W3 Sul, e ser recebido pelo pintor a cortar uma torta de banana.

Por alguns dias, ninguém precisa de bússola ou GPS para subir numa van e esquadrinhar o quadrado do DF. Descer a serra da ManoObra de José Ivacy, nas franjas de Sobradinho, até atingir A Pilastra de Mateus Lucena, no Setor de Oficinas do Guarã. E agora que todos aprendemos o caminho – podemos voltar lá.

PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

O próprio BSB Plano das Artes cresceu da primeira edição, em 2018, para esta segunda edição. **Aumentou o número de lugares envolvidos, aumentou a rota diária de vans percorrendo esses lugares, aumentou o número de dias de percurso.**

A coordenadora Cinara Barbosa e sua equipe ativaram os chamados espaços *pop up*: um par de ocupações em Ceilândia e Taguatinga. Sinal do interesse geral despertado pelo projeto na comunidade, sinal do solo fértil em que estamos a pisar.

Engendrado por artistas e produtores independentes, o BSB Plano das Artes se tornou possível graças ao Fundo de Apoio à Cultura, da Secretaria de Cultura do Distrito Federal. Mas vale notar: é o giro do motor do circuito das artes, é o trabalho cotidiano em ateliês e galerias, é o interesse de todos nós que faz com que esse apoio seja legítimo. Vamos legitimá-lo um pouco mais a cada dia.

Neste turvo episódio de nossa frágil democracia em que um discurso obscurantista e abertamente contrário à educação, à liberdade intelectual e ao pensamento crítico se instalou no centro do Poder Executivo nacional, se torna ainda mais urgente pensar a arte e a cultura, viver diariamente a arte e a cultura.

Torna-se ainda mais urgente e legítimo um projeto como este BSB Plano das Artes. Não poderia mesmo ter sido outro o tema desta edição de 2019: o lugar da arte. Porque o lugar da arte é o lugar da resistência. E o tempo da arte é hoje.

COBERTURA NO SITE

A artista e seu lugar de trabalho

“Raquel Nava, pinturas e capivaras - no ateliê da artista, na Babilônia Norte, tudo tem acontecido ao mesmo tempo. Seus trabalhos recentes em taxidermia estão se desdobrando – literalmente – tal uma capivara partida em duas – em objetos, esculturas e instalações. E Raquel também tem pintado um bocado, retomando com força essa linguagem depois de dois ou três anos mais voltados a explorar a taxidermia.”

A visita e pesquisa da curadora australiana Anni Doyle Wawrzynczak

“Anni, de Camberra a Brasília -Christus Nóbrega esteve na Austrália para seguir as pegadas de Priscilla, a Rainha do Deserto. E agora sua amiga australiana Anni Doyle Wawrzynczak está em Brasília, bem em tempo de seguir as rotas do BSB Plano das Artes. A sua intenção é aproximar artistas de ambas as cidades – com um par de exposições.”

Um lugar híbrido da diversão

“Um esquentão no Olho de Águia - Fotógrafo e empreendedor, Ivaldo Cavalcante fez deste seu lugar uma exteriorização dos interesses pessoais. Uma galeria de arte que é um bar. Uma balada rocker onde também é bacana conversar sobre cinema, arte e fotografia. Se o Bar Faixa de Gaza aditiva o ânimo dos visitantes, a Biblioteca Gervásio Baptista (aceno ao querido fotorrepórter) garante a munção de livros, gibis e discos de vinil.”

Matérias disponíveis em:
www.bsbplanodasartes.com.br



→SRTVN

QUAL O LUGAR DA ARTE?



A arte alcança a sociedade como um todo, modifica os padrões sociais. É questionadora e inclusiva.

Rogério Carvalho
Galeria XXX Arte Contemporânea

O lugar da expansão do pensamento.

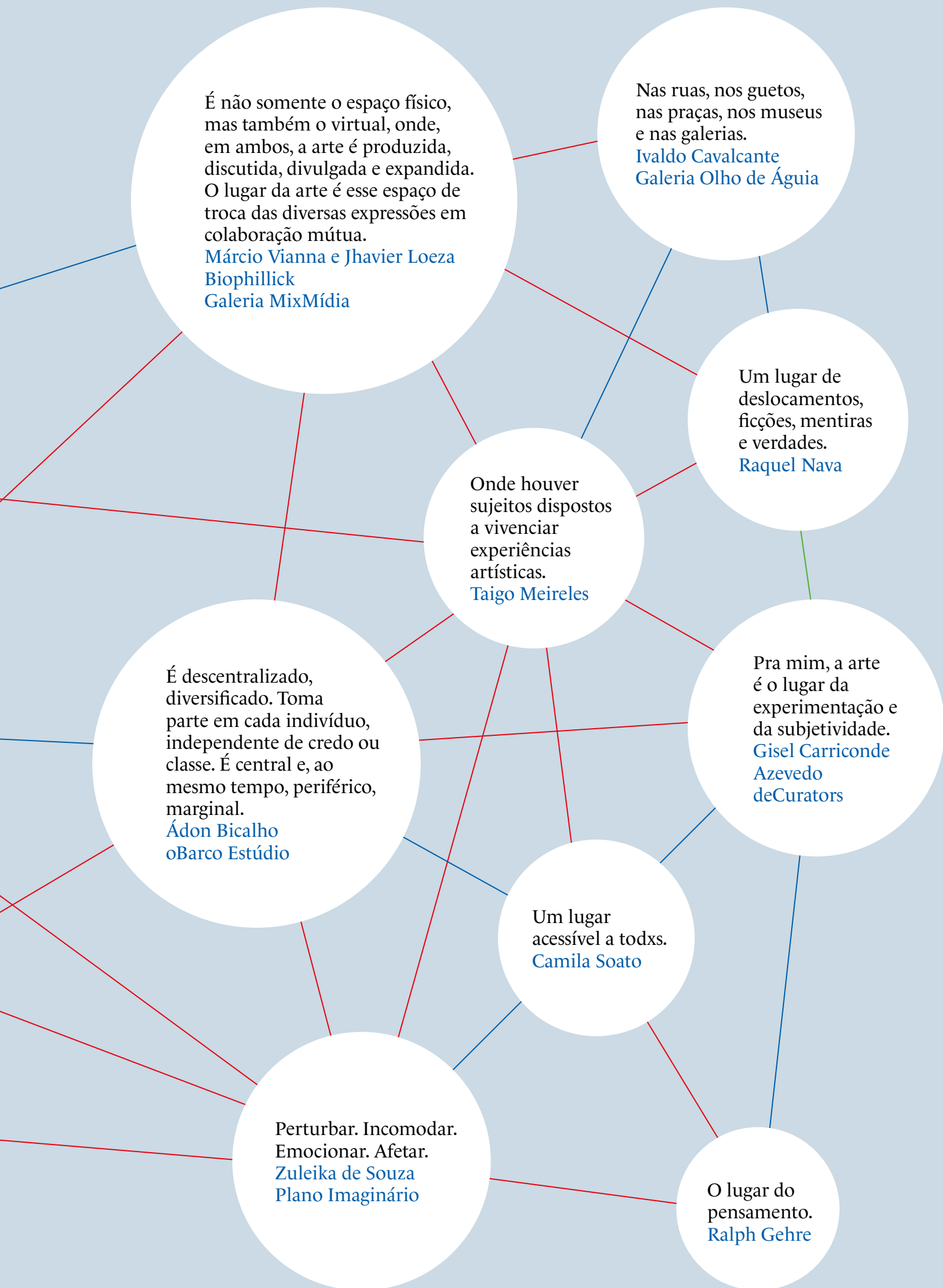
Raquel Pellicano e Humberto Lemos
Espaço f/508 de Cultura

Através dos tempos e das civilizações, a arte traz em seu conteúdo e em suas manifestações o que os artistas transmitem a seu povo, pensamentos, conceitos, aspirações e manifestações.

Onice Moraes
Referência Galeria de Arte

Para mim o lugar da arte é onde os artistas encontram seu público. Sou artista de longa data e galerista desde 2013, para mim e meu espaço o que importa é que os parceiros continuem chegando.

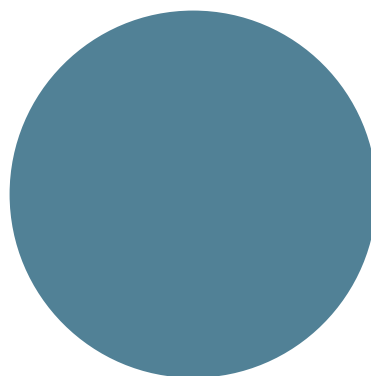
Luis Jungmann Girafa
Matéria Plástica Galeria de Arte





SDS →

UMA ARTE DE QUINTAIS BIANCA TINOCOⁱ



Uma das vantagens do BSB Plano das Artes é ir por caminhos que nosso GPS particular, acostumado às asas de Lúcio Costa, ainda não conhece. Aqueles nos quais a poeira vermelha do Cerrado começa a se integrar às solas, às roupas, aos pensamentos. O branco mais branco só existe na publicidade da TV.

Chegamos às entranhas de Sobradinho. Pela janela da van, a cidade de concreto saiu do plano. Muro descascado com cartaz escrito à mão vendendo geladinho. Oficina com para-choques expostos, esperando pintura na calçada. Banca de frutas. Cerveja a R\$ 5,00. Um brechó. As ruas estreitas quase não têm sombra. Talvez por isso, salte aos olhos quando paramos em frente a uma propriedade ampla com jardins, visíveis a partir do portão. Parece uma miragem. O *plot twist* da periferia cerratense.

O lugar se chama ManoObra e é um misto de ateliê, espaço expositivo e centro cultural dirigido pelo casal de proprietários, Maria Júlia e José Ivacy de Souza. Os dois receberam o grupo com abraços, sorrisos e café com bolo de mandioca – o lanche posteriormente foi reforçado com suco de caju com gengibre. À volta da construção de três andares, e 10 mil m² com árvores, plantas e um cachorro no canil. Do alto, no terraço ao lado do ateliê, com trabalhos de Ivacy e seus alunos (crianças e adolescentes com altas habilidades em artes visuais), a certeza de que estávamos em um lugar destoante do entorno.

No primeiro andar, obras de Ivacy também estavam entre as 93 exibidas pela galeria sob curadoria de Bené Fonteles, amigo do casal, na exposição *Eu e o Outro*. A mostra, que também será apresentada em Curitiba, é um mergulho no repertório criativo de Fonteles, uma espécie de atlas *mnemosine* construído a partir das parcerias que ele estabeleceu ao longo da carreira.

i | Texto desenvolvido como parte da disciplina Seminário de métodos, processos e linguagens: Estudos curatoriais colaborativos internacionais, do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – PPGAV, do Departamento de Artes Visuais – VIS/ Instituto de Artes – IdA, da Universidade de Brasília (UnB); disciplina ministrada pelo Professor Dr. Christus Menezes da Nóbrega, com as professoras convidadas Dra. Anni Doyle Wawrzynczak, da Australian National University – ANU e Dra. Cinara Barbosa, da Universidade de Brasília (UnB).

Obras de Ernesto Neto, Jonathas de Andrade, José Rufino, Ayrson Heráclito, Rubem Valentim e Lourival Cuquinha compartilham as salas com cerâmicas indígenas, uma carta de Carlos Drummond de Andrade, uma vitrine com publicações de Yoko Ono e uma área com peças em homenagem a São Jorge. Discos de

Egberto Gismonti pendem das paredes e podem ser tocados em uma vitrola. Não se trata de exposição para uma visita só: os trabalhos deixam o espaço repleto e pressionam os visitantes. De volta ao quintal, pode-se, enfim, diluir na imaginação os diálogos simultâneos travados pelas obras. Mas já é hora de ir.

Vinte minutos depois, a van chega a um conjunto de prédios em Sobradinho, todos com nomes de pintores célebres da história da arte europeia.

Se instalar em uma casa geminada no meio desses empreendimentos já parece um comentário jocoso de Camila Soato, artista brasileira recentemente de volta ao Distrito Federal, após um doutorado em São Paulo. Camila nos recebe à porta, atravessa o grupo pela casa até chegar aos fundos, ao ateliê com paredes recobertas de *pallets*, sobre os quais se encontram suas pinturas. A um canto, no alto, um regador pintado de dourado é a promessa fuleira de um *golden shower*. Em uma mesa no meio do espaço, de frente para uma cadeira dobrável de praia, um computador toca Novos Baianos. Camila oferece cerveja e convida todos para um churrasco no domingo, ali mesmo.

A arte de Soato espelha esse despojamento e o humor que inspira um sorriso no canto da boca. Ela adota como filosofia de trabalho a “fuleragem” conceituada pelo Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos, liderado por Maria Beatriz de Medeiros e do qual a artista foi integrante.

Exímia retratista, constrói, em camadas, telas nas quais contrapõe situações, como uma freira que apresenta o dedo do meio enquanto lê e fuma em frente a uma igreja, um menino que experimenta o dedo ao lado do ânus de um cachorro.

Também são frequentes as telas em que a artista se retrata, geralmente sem camisa, de shorts e usando chinelos como proteção de braço, cerveja sempre à mão, risada irreverente. Sua figura contracena ora com musas da história da arte, ora com o Papa Francisco, ora com políticos e pessoas públicas ironizadas pelo escárnio punk-suburbano. Frequentemente, as telas trazem cães cruzando, imagem que é sua assinatura – e que Soato agora transpõe para “esculturas de bosta”, estruturadas a partir da lógica do pau-a-pique.

Para Camila, assim como para a profusão artística encontrada no ManoObra, o quintal é o respiro que equilibra o acúmulo de ideias nas paredes e estantes, seja nas obras, seja em livros que a artista oferece aos visitantes de graça ou a preço de custo. Terror para os conservadores: a fumaça do churrasco cria uma camada de coesão em suas composições; é na latinha de cerveja que ela descansa os pincéis. Cercada por prédios de nomes consagrados, ela é a pedra no sapato, aquela que o circuito artístico adora ter.

Mais meia hora na van e entramos no centro histórico de Planaltina. Nos postes, as bandeiras vermelhas lembram que estamos a uma semana da Festa do Divino Espírito Santo, a mais tradicional da cidade. De frente para a praça da Igrejinha (Praça de São Sebastião), a uma caminhada de cinco minutos do Museu Histórico e Artístico de Planaltina, está o Pé Vermelho - Espaço Contemporâneo, empreitada do artista João Angelini. Ele nos recebe à porta, com Marcela Campos, artista integrante do Grupo Empresa (como o próprio Angelini foi, antes de deixar o coletivo para se dedicar ao projeto em Planaltina, em 2018), e Shevan Lopes, primeiro residente do espaço.

Ultrapassado o portão, temos novamente um espaço livre e descoberto, no qual uma jabuticabeira faz sombra para duas cadeiras de balanço. “Regando, ela dá o ano inteiro”, orgulha-se Angelini. Exercitar a paciência e o tempo mais lento parece fundamental para a produção recente dele, como se pode verificar em grande parte dos cômodos do Pé Vermelho. O trabalho meticuloso é evidente nas animações em stop-motion do artista, desenvolvidas com o apoio de uma bolsa de dois anos do programa Rumos, do Itaú Cultural. Um dos trabalhos apresentados aos visitantes é Laissez-Faire n. 1, um vídeo a partir de 1.920 desenhos em papel das mãos de um soldado do Batalhão de Planaltina da Polícia Militar, que realiza a rotina de vistoria e manutenção de sua pistola antes do serviço (o vídeo e os desenhos fizeram parte da exposição Novas Efervescências, no Espaço Cultural Porto Seguro, em São Paulo). Angelini também atua, em outra linha, no que chama de pinturas secas: louças e pedaços de paredes antigas, com camadas de tinta aplicadas ao longo dos anos, as quais ele entalha com um bisturi até concluir seus objetos – olhos de animais, desenhos de manuais de Medicina, peças de xadrez e, mais recentemente, soldadinhos de

plástico. Grande parte dos materiais sai da própria Planaltina: se uma construção está em demolição ou reforma, o artista corre a recolhê-los.

A pesquisa do residente Shevan Lopes dialoga com as pinturas secas de Angelini ao partir de elementos do Brasil colonial, porém as colagens do artista baiano remetem à crueza do embate com a história do país ao justaporem tecidos nobres e molduras imponentes a fios de metal retorcidos e crânios de animais da roça, como cavalos e bois. Trata-se de uma produção poderosa, que demonstra um delicado jogo de raiva e refinamento a ser burilado.

Ora, faltou comentar um ateliê, logo o primeiro do trajeto, o de Raquel Nava. Discreto em uma sala de uma comercial da Asa Norte, quintal obviamente não há. O espaço ampliado mora no encontro com os habitantes daqueles 30 a 40 metros quadrados. Nos gramados e terrenos baldios percorridos pela capivara, nos cantos de calçada riscados pelas ratazanas, em terreiros ciscados, nos esgueiros da floresta rastejados. Passagens de corpos sem vida, lembranças do aberto impregnadas na pele dos bichos e que são costuradas pela artista, segundo a técnica da taxidermia.

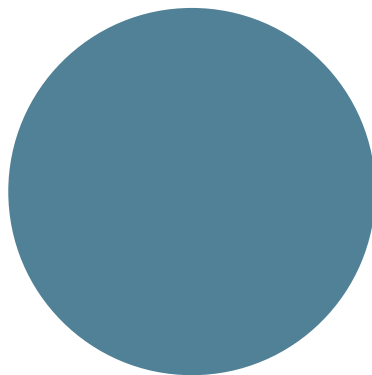
A expansão ali se dá em outra dimensão, quase como o interior da mala de Newt Scamander na fantasia Animais Fantásticos e Onde Habitam, de J. K. Rowling. A partir do que lhe sopram

as carcaças – algumas já transformadas pela indústria em poltronas, tapetes, pincéis –, Nava as rearranja com objetos e conceitos em esculturas, instalações, fotografias. Besouros se encontram com escovas, conchas com esponjas de lavar louça. Um galeto de três cabeças parece espantado em sua nova encarnação como bule.

As topografias que as patas trilharam, a artista também transpõe para telas. Dois litros de esmalte sintético, depositados em diferentes cores sobre a superfície, escorrem em vias imprevistas à medida em que o chassi é inclinado, ao longo de semanas, no deslocamento paciente do chão à parede.

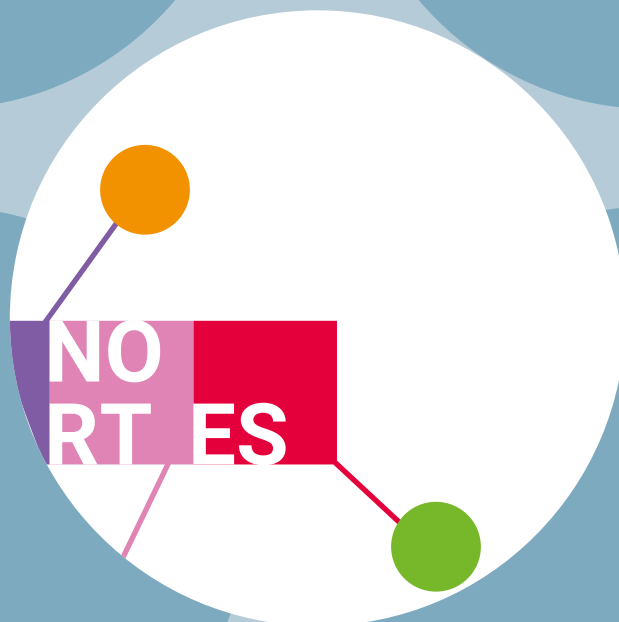
Cabe à artista facilitar o trajeto, abrindo picadas à faca e à espátula quando as passagens se fecham pela resposta do esmalte à secura brasiliense. Mesmo de pé, as telas gotejam e os elementos continuam a se movimentar, lenta e inegavelmente, céu multicolor parcialmente encoberto. Até que o processo termina: a obra está pronta para sair do ateliê.

Muitos quilômetros depois, a van chega ao ponto de destino, os passageiros se despedem. Ao chegar em casa, recusamos por um segundo lavar a roupa, jogar a pele sob o chuveiro. Não queremos nos desfazer da terra vermelha, daquela camada de Cerrado. E então nos damos conta: a terra se infiltrou na epiderme, nas narinas. Na boca, o paladar de caju com gengibre.









→
PÁG.91

QND → **ESPAÇOS *POP UP***

Pop up faz referência a exposições momentâneas, ou seja, em lugar e período determinado. Assim, os espaços Jovem de Expressão / Galeria Risofloras, em Ceilândia, e Invenção Brasileira, em Taguatinga, funcionaram como pontos Plano das Artes. A ideia foi colocar em evidência esses lugares com ações voltadas às artes visuais.





PÁG.93

Exposições coletivas, oficinas de aquarela, desenho, fotografia e palestras foram algumas das atividades planejadas para os espaços *Pop Up* BSB Plano das Artes. A ideia foi implementar a discussão e apresentar experiências a respeito de dinâmicas exigidas para formação e gestão de espaços de arte para além do Plano Piloto. Muitos temas foram comentados, como etapas de montagem, manutenção e divulgação de atividades culturais.



Jovem de Expressão / Galeria Risofloras é uma iniciativa da Caixa Seguradora, em parceria com a Rede Urbana de Ações Socioculturais - Ruas. Em 12 anos de atividades, o programa já atendeu milhares de jovens em todo o Distrito Federal, proporcionando, de forma gratuita, a inserção da juventude em diversas atividades. Em conjunto com uma rede de parceiros, o programa investe na juventude da periferia.

Setor M, EQNM 18/20, Praça do Cidadão, Bloco C – Ceilândia
(61) 98503-3630
www.facebook.com/risoflorasurbanart
@risofloras
Funcionou: 30/5 a 2/6, das 13h às 18h.







Invenção Brasileira é um espaço de ação artística e educacional voltado para a difusão das expressões das culturas populares e tradicionais brasileiras em suas variadas formas de manifestação. Ali, acontecem festivais, encontros, cursos, oficinas, montagens, ensaios, apresentações, reuniões comunitárias, festas e atendimentos a escola. São produzidos vídeos e eventos culturais em colaboração com outros grupos, que assim compartilham realizações.

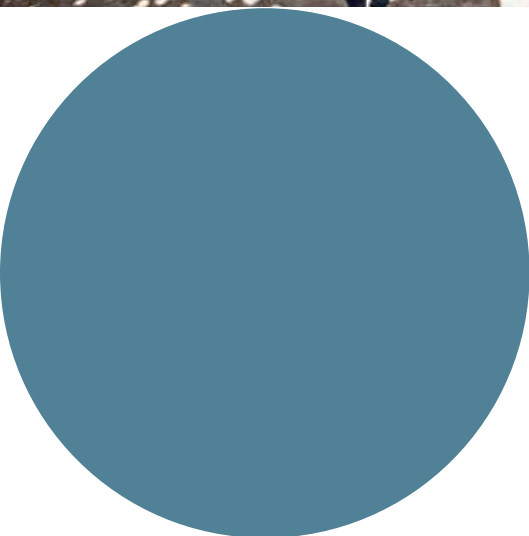
Setor B Sul, QSB 12, Loja 5 – Taguatinga

(61) 3352-5054

www.facebook.com/InvencaoBrasileira

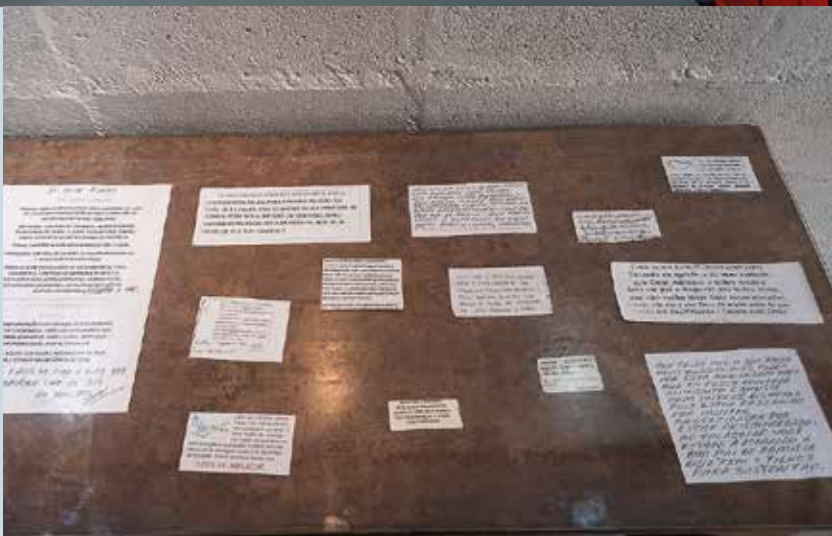
www.invencaobrasileira.org.br

Funcionou: 30 e 31/5, das 13h às 17h e 1º e 2/6, das 10h às 18h.





“A exposição O Lugar da Arte apresenta a ocupação realizada pelas artistas Ana Lira, Gabi, Isabela Couto, Melke e Pamella Anderson. Parte do princípio, que é preciso reafirmar e repetir ações de reivindicação para a visibilidade e o reconhecimento da arte como parte de um sistema simbólico fundamental da vida. Por meio das obras e das intervenções, podemos vislumbrar as pertinências construídas, as interações conquistadas e o envolvimento requerido entre aquele que solicita adentrar em um lugar e aquele que permite que ele seja reconfigurado. Nesse lugar em negociação, nada é simples demais que não mereça sua atenção. E, também, nesse espaço, nada é complexo demais que não lhe pertença. Atentar para arte, e o seu lugar, faz parte disso.” (Fragmento do texto de apresentação da exposição O Lugar da Arte)





Oficina de fotografia para pessoas com deficiência visual com a artista e fotógrafa Hoana Gonçalves

A oficina é uma atividade de estímulo à construção de um meio visual por apropriação e um momento de reinvenção. É uma forma de desenvolvimento da autonomia pela convivência, pela exploração dos sentidos e da expressão poética por meio da linguagem fotográfica. As oficinas de fotografia voltadas a pessoas com deficiência visual são fontes de descobertas para cada pessoa envolvida.

“Pergunto sempre sobre as noções de visualidade de cada integrante e sobre as condições da visão de cada um. Muitos deles já enxergaram e até mesmo enxergam parcialmente, mas mesmo os cegos de nascença têm sua própria noção do mundo e de estética”, conta Hoana Gonçalves.



Hoana Gonçalves é graduada em Artes Visuais na Universidade de Brasília (UnB) e pós-graduada em artes visuais, cultura e criação. Ensina fotografias para pessoas com deficiência visual e pesquisa sobre a visualidade; fez parte da equipe de inclusão da Galeria Espaço Piloto da UnB.

Partida do transporte da Biblioteca Braille Dorina Nowill, centro de Taguatinga.

A exploração das câmeras compactas para a parte prática do aprendizado.

Voluntários ajudam na locomoção e descrição básica do ambiente e das fotografias que estão sendo tomadas.

Exposição em foto varal.

Oficina Mapa Lugar de aquarela com a artista visual Isabela Couto

A área verde é a referência. Partiu dessa ideia a oficina proposta pela artista Isabela Couto para realizar a criação de um mapa em aquarela.

“A proposta veio à tona com base no pensamento do autor Vilém Flusser, ao encarar a natureza como se fosse mapa. O mapa não mais serve de instrumento para nos orientar na paisagem, mas agora é a paisagem que serve de instrumento para nos orientar no mapa”, relata Isabela Couto.



Isabela Couto é formada em Artes Visuais pela Universidade de Brasília. Expõe com regularidade desde 2014. Artista indicada ao prêmio Pipa em 2019, tem como tema de estudo a natureza e a segregação/integração da natureza com o ser humano. Utiliza aquarela, desenho, instalação, *site specific* e vídeo para tratar esse tema.

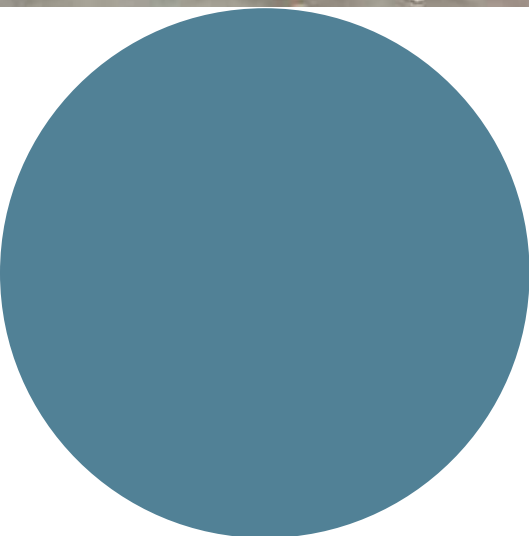
Oficina organizada em saídas.
Saída de campo, leituras de texto, estudos de desenhos e práticas assistidas em aquarela para criação de mapas.
Mapa em aquarela onde a área verde é a referência.



Palestra Criação de Espaços Culturais

Com Bruno Vilela. Artista, pesquisador, educador e curador, trabalha na coordenação e no desenvolvimento de projetos nas áreas de Artes Visuais, Educação e Direitos Humanos. É formado em Artes Visuais pela Escola Guignard – UEMG (2003) e em Administração pela Pontifícia Universidade Católica - PUC/MG (2007).

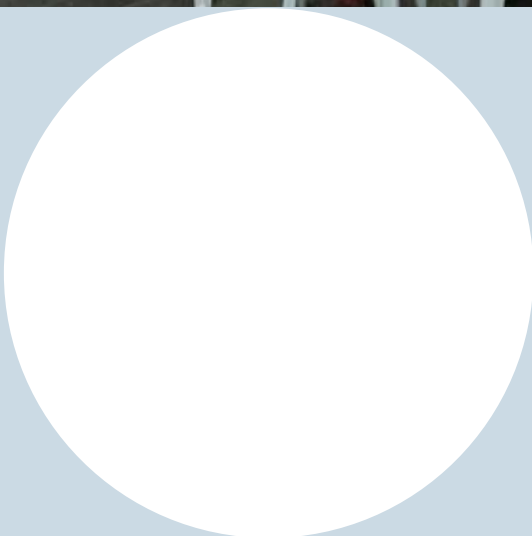
O objetivo principal foi a criação de um espaço cultural autogestionado. Foram apresentados alguns projetos e suas respectivas histórias, metodologias e experiências, na perspectiva de inspirar e contribuir para a criação de espaços culturais em comunidades.



Palestra Curadoria Ampliada

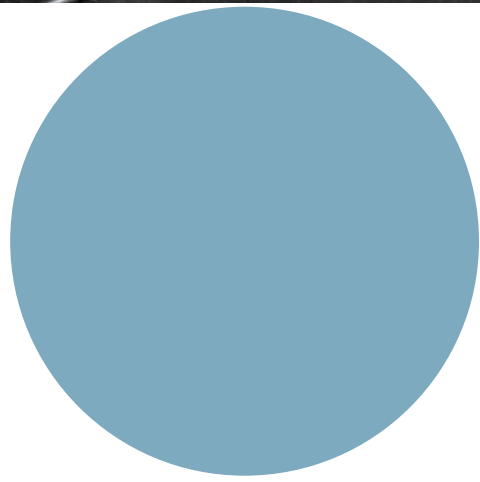
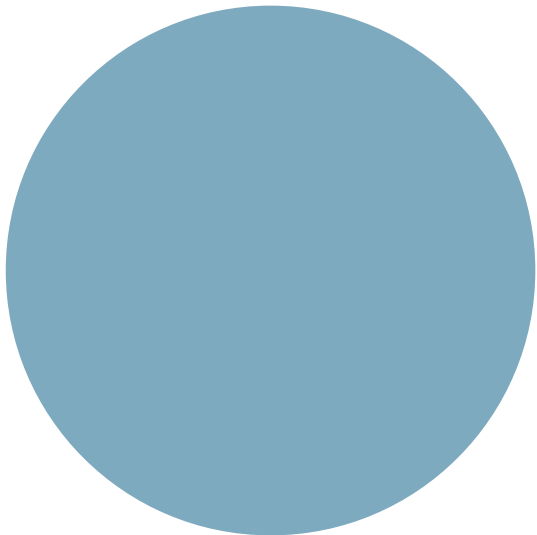
Com Cinara Barbosa. Professora Adjunta da Universidade de Brasília, pesquisadora, curadora e idealizadora do BSB Plano das Artes.

O objetivo foi apresentar o tema da curadoria e provocar a ampliação das possibilidades de sua compreensão. A preparação previu a discussão de curadorias de exposições e intersecções das práticas com pesquisas da produção artística, leituras de portfólio, direção e gestão de espaços culturais, considerando os contextos de cada lugar. No entanto, no decorrer da palestra, surgiram novos temas como acessibilidade, divulgação e o público efetivo dessas programações.









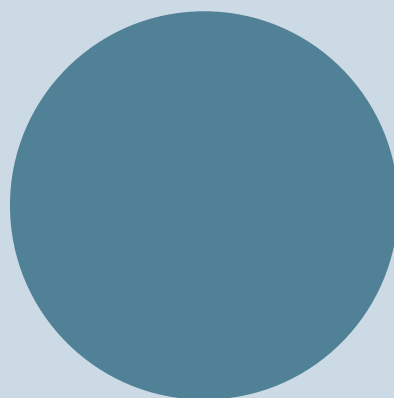
SQS → BSB PLANO DAS ARTES PROGRAMA EDUCATIVO

Na 2ª edição do BSB Plano das Artes realizamos uma proposta de programa educativo itinerante: os educadores acompanharam o público em vans e circuitos realizados pelos espaços participantes no evento.

O educativo esteve presente como uma instância de mediação ativa e acolhedora, documentando, por meio de dispositivos de troca e construção coletiva, as expectativas e experiências compartilhadas com e pelos públicos em trânsito.

O objetivo desta ação educativa é conectar os diversos públicos aos espaços de arte do DF - espaços autônomos, ateliês de artistas, espaços de produção coletiva e individual, galerias comerciais, espaços de formação em arte de e cursos livres voltados às linguagens artísticas.

Os educadores do projeto acompanharam os públicos durante os trajetos a fim de acolher expectativas, impressões, propondo um diálogo em torno da memória cultural de cada um e das experiências proporcionadas pelo contato com os diferentes espaços que participaram desta edição do BSB Plano das Artes.



DISPOSITIVOS DE MEDIAÇÃO

CAIXAS DE DIÁLOGO

As caixas de diálogo funcionavam como objeto mediador dos educadores para com o público.

Etapas:

- Pergunta mediadora.
- Passagem da caixinha com papel e lápis.
- Criação de vínculos e identificação a partir das respostas dos participantes.



PRÉ-EVENTO: EQUIPE EDUCATIVA



EXPECTATIVAS DOS EDUCADORES PARA O EVENTO:

- Experiências.
- Conexão.
- Encontros.
- Observar, transitar, conversar.
- Redes, afetos, expansão de relações, aprendizado.
- Movimento de pessoas e resistências diárias.
- Vir a público.
- Fazer história/entrar para a história.
- Dar sentido à sua história como pessoa e artista.
- Memórias.
- Curiosidade.
- Realização pessoal.

PÓS-EVENTO: PÚBLICO

QUAL É O LUGAR DA ARTE?

- Qual não é?
- O instante.
- O futuro.
- O nosso olhar.
- Onde as pessoas possam se expressar.

PALAVRAS DO PÚBLICO QUE, PARA ELES, SINTETIZA A EXPERIÊNCIA:

- Sensacional.
- Instigante.
- Esplêndido!!!
- Formidável.
- Divertido e educativo.
- Primoroso!



Educadora Narla Skeff: “Alguns lugares despertaram um maior interesse de permanência, seja por serem inusitados, ou sonhados, seja por, até então, serem desconhecidos. As reações diversas nos espaços demonstraram também a pluralidade que o projeto aborda. Ora sentados, ora em pé, por vezes mais escuta, noutras mais perguntas, onde tudo está aparentemente visível, mas encontra-se o invisível, onde se desbrava e a curiosidade guia.”

Bruna Araujo (Arte-educadora do BSB Plano das Artes): foi muito gratificante fazer parte hoje da rota com o IFB de Taguatinga, foram muitas as contribuições do grupo, aprendi demais visitando com eles, é a segunda vez que os atendo, só que, neste ano, a turma foi diferente. E eles permanecem cheios de participação, trocas, vontade de ir e conhecer, fomos conversando muito nas vans sobre tudo, os lugares e o que está em volta desses lugares, a representação, trânsito de pessoas, carros, políticas de base da educação em Artes... Enfim, muito assunto. Em especial, usando as frases de uma das colegas de grupo “parece que essa rota foi

planejada pra gente professor, deu certinho”, pois cada lugar tocou uma parte do grupo, a vontade de artear e viver em meio ao ambiente recluso da natureza de Taigo... A emoção que transbordou em choro de uma colega que tinha necessidade especial, baixa visão, fiquei sabendo apenas quando chegamos no primeiro espaço, ela usava um *tablet* para tirar foto dos lugares e das obras e poder ver tudo na tela com aproximação! E, quando chegamos ao Jovem de Expressão com a oficina de fotografia para pessoas com deficiência visual com a Hoana, ela vendo várias pessoas de diferentes necessidades visuais fotografando, ela podendo falar que as pessoas a tratam como incapaz e que ela não era incapaz, mexe muito com ela, ela disse que foi muito forte. E, por fim, a casa ateliê da Júlia, que inspirou a todas que são da turma de artesanato, com tanta vontade de produzir e investir na área, e muita incerteza e com muitas inseguranças, e a Júlia respondendo questões de que, sim, é possível, diante de fazer, correr atrás, das surpresas e do não planejado que traz coisas boas e novas no trajeto, como o plano das artes. Sinto que, nesse ano, eu também estou amadurecendo com o projeto.

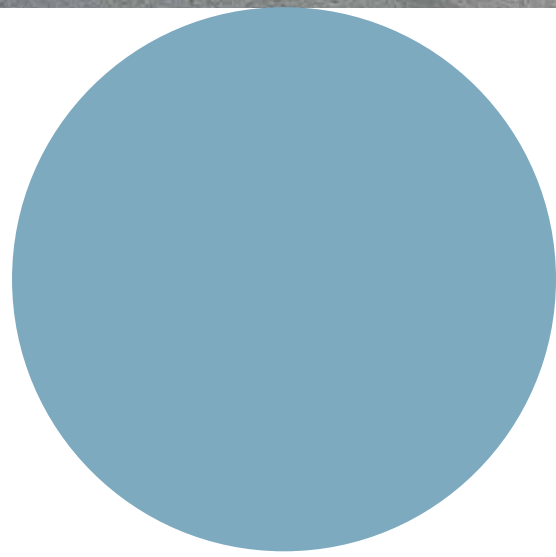
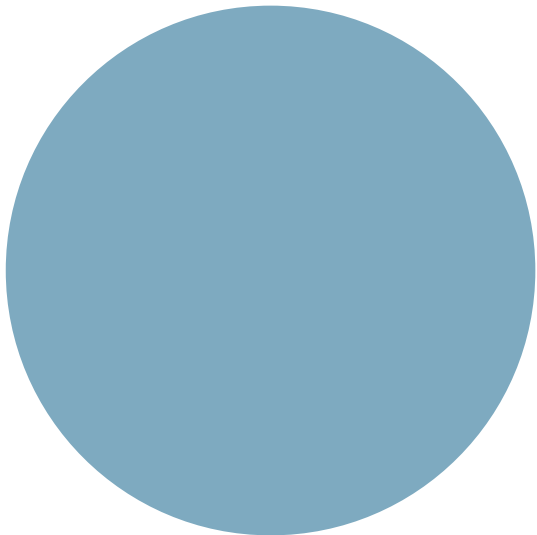


EQUIPE EDUCATIVA: 10 EDUCADORES + 4 INTÉRPRETES POR DIA:

Bruna Araujo
Isaac Guimarães
Júlia Moana
Karoline Carvalho
Letícia Rick
Marcela Gomes
Matheus Mota
Narla Skeff
Victor Zaiden
Yuri Farias

ACESSIBILIDADE:

Curuca Acessibilidade e Cultura





SCLS →

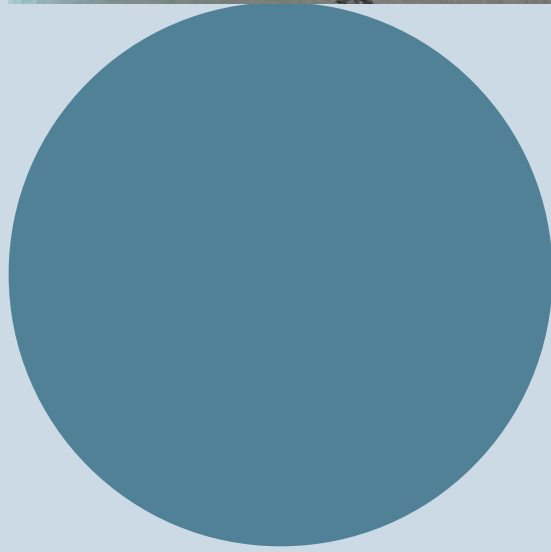
BSB PLANO DAS ARTES

REDE AUTÔNOMA DE ARTE-EDUCADORES

No dia 10 de junho de 2019, o BSB Plano das Artes promoveu, por meio de uma consulta pública, o lançamento de uma rede autônoma de arte-educadores no auditório 2 do Museu Nacional da República. A proposta consistiu na promoção e na reflexão de profissionais de arte-educação em relação ao ensino das artes na educação formal e não formal, a partir do trabalho com as instituições culturais públicas e autônomas, atendendo a suas especificidades e a relação com os diferentes tipos de público. O evento, organizado por Vinícius Brito, do Programa Educativo do BSB Plano das Artes, contou com a presença de representantes de diversos campos de atuação da arte-educação e de Cinara Barbosa, idealizadora e curadora do BSB Plano das Artes, além de outros membros da equipe do projeto.

Participaram da mesa de debates Yana Tamayo, Coordenadora do Programa Educativo Arte e Educação do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) e do Programa Educativo do BSB Plano das Artes; e, como convidadas, Marielle Costa, representando a Rede de Educadores em Museus

e Instituições Culturais do Distrito Federal, REMIC-DF; Thalita Araújo, representando a Maleta Acessibilidade Cultural, empresa que tem por intuito o fomento às práticas de acessibilidade cultural na arte-educação; e Luciellen Castro, artista e educadora da Secretaria de Educação, que tem como projeto um ensino transversal da arte, partindo da vivência e do repertório dos alunos.







FICHA TÉCNICA

Concepção, Coordenação-Geral e Curadoria

Cinara Barbosa

Equipe de Produção Executiva

Cinara Barbosa

Elisa Mattos

Vinícius Brito

Coordenação Administrativa

Elisa Mattos

Coordenação de Arte-Educação

Yana Tamayo

Vinícius Brito

Direção de Arte e Design Gráfico

Wagner Alves

Assessoria de Imprensa

Luiz Alberto Osório

Mídias Sociais

Bruno R Nunes

Gabriela Morais

Produção de Rotas e Circuitos de Vans

Marx Lamare

Assistente de Produção de Rotas

Juliana Nóbrega

Produção do Ponto de Encontro BSB Plano das Artes

Vinícius Brito

Produção Comercial

Micaela Neiva Moreira

Fotografia

Diego Bresani

Jean Peixoto

Webmaster

Danyel Carvalho

Centros Adaptados – Espaços Pop Up

Produção Executiva

Daniela Estrella

Assistentes de Produção

Léia Magnólia

Priscila Coser

Programação no espaço Invenção Brasileira, Mercado Sul – Taguatinga

Artistas da exposição O Lugar da Arte

Ana Lira

Gabi

Isabela Couto

Melke

Pamella Anderson

Oficina de fotografia para pessoas com deficiência visual

Hoana Gonçalves

Programação no espaço Jovem de Expressão, Galeria Risofloras – Ceilândia

Oficina de Aquarela – Mapa Lugar

Isabela Couto

Ação Pintura Mural

Clarice Gonçalves

Palestras nos espaços Pop up Plano das Artes

Área Criativa: Criação de Espaços Culturais

Bruno Vilela

Curadoria Ampliada

Cinara Barbosa

Equipe de Arte-Educadores

Bruna Araujo

Isaac Guimarães

Júlia Moana

Karoline Carvalho

Letícia Rick

Marcela Gomes

Matheus Mota

Narla Skeff

Victor Zaiden

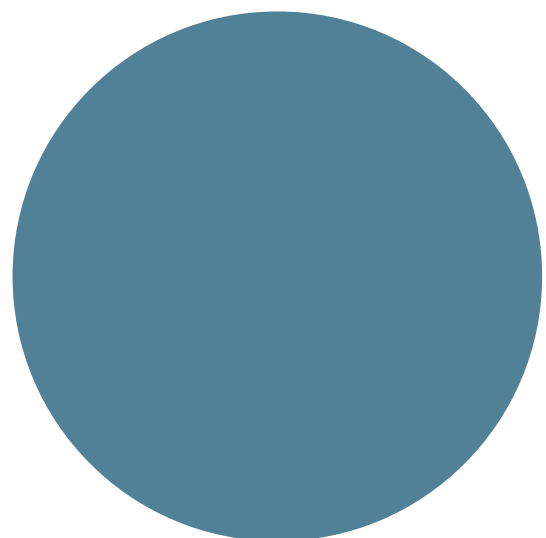
Yuri Farias

Acessibilidade em LIBRAS

Curuca Acessibilidade e Cultura

Transporte

Planalto Transporte





Espaços participantes da 2ª edição do BSB Plano das Artes

A Pilastra
Ateliê Camila Soato
Ateliê Cecília Mori
Ateliê NOVA
Ateliê Raquel Nava
Ateliê Taigo Meireles
Ateliê Valéria Pena-Costa + Projeto FUGA
Casa Ateliê Júlia dos Santos Baptista
Casa Ateliê Ralph Gehre
deCurators
Elefante Centro Cultural
Espaço Cultural Marcantonio Vilaça – TCU
Espaço f/508 de Cultura
Galeria Karla Osorio
Galeria MixMídia
Galeria Olho de Águia
Galeria Studio Art MD'Azevedo
Invenção Brasileira / Mercado Sul
Jovem de Expressão / Galeria Risofloras
ManoObra
Matéria Plástica Galeria de Arte
Nação Cerratense Atelier de Arte
oBarco Estúdio
Oto Reifschneider Galeria de Arte
Pé Vermelho – Espaço Contemporâneo
Plano Imaginário
Referência Galeria de Arte
XXX Arte Contemporânea

Catálogo BSB Plano das Artes Coordenação Editorial

André Vilaron
Cinara Barbosa

Projeto Gráfico e Diagramação

Wagner Alves

Produção Editorial

Vinícius Brito

Textos

André Vilaron
Bernardo Scartezini
Bianca Andrade Tinoco
Cinara Barbosa

Entrevista

Wagner Barja
Cinara Barbosa

Revisão

Paula Alves Monteiro

Fotografias

André Vilaron, Bernardo Scartezini, Daniela Estrella, Diego Bresani, Jean Peixoto, Márcio Vianna, Mariana Raphael, Márcio Vianna, Matheus Barbosa Pereira, Vinícius Brito, Vinícius Maroli, Zuleika de Souza e fotografias realizadas pelos representantes dos espaços e pela equipe de arte-educadores. Agradecemos a equipe de voluntários e os familiares que participaram e apoiaram a Oficina de fotografia para pessoas com deficiência visual.

Impressão

Athalaia Gráfica

Tiragem

1.000 exemplares



Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do DF

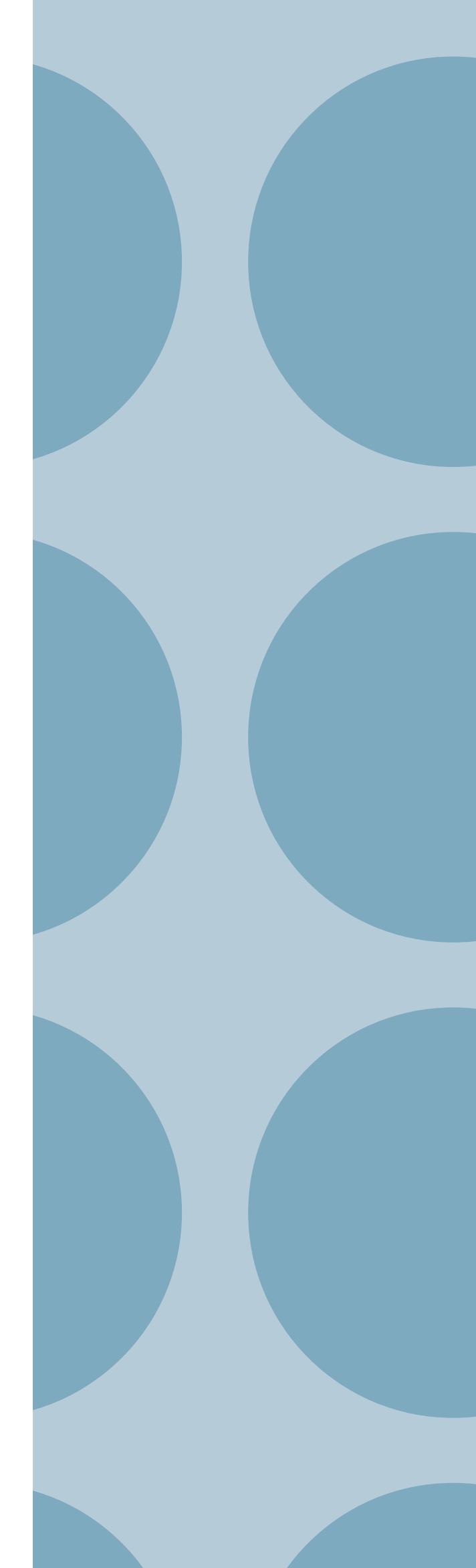


REALIZAÇÃO:



Secretaria
de Cultura







FAC
FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL



REALIZAÇÃO:

Secretaria